



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE
FLUMINENSE DARCY RIBEIRO –
UENF
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
POLÍTICA – PPGSP**

**TRANSIÇÃO CAPILAR, CABELOS CRESPOS E RACISMO:
a história de vida de mulheres negras transicionadas em Campos dos Goytacazes**

GABBY MATURANA TEIXEIRA

**CAMPOS DOS GOYTACAZES RJ
FEVEREIRO – 2021**

**TRANSIÇÃO CAPILAR, CABELOS CRESPOS E RACISMO:
a história de vida de mulheres negras transicionadas em Campos dos Goytacazes**

GABBY MATURANA TEIXEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Gajanigo

**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
FEVEREIRO – 2021**

FICHA CATALOGRÁFICA

UENF - Bibliotecas

Elaborada com os dados fornecidos pela autora.

T266

Teixeira, Gabby Maturana.

Transição capilar, cabelos crespos e racismo : a história de vida de mulheres negras transicionadas em Campos dos Goytacazes / Gabby Maturana Teixeira. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2021.

80 f. : il.

Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2021.

Orientador: Paulo Rodrigues Gajanigo.

1. História de Vida. 2. Transição Capilar. 3. Racismo . I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 320


GABBY MATURANA TEIXEIRA

TRANSIÇÃO CAPILAR, CABELOS CRESPOS E RACISMO:
a história de vida de mulheres negras transicionadas em Campos dos Goytacazes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.
Linha de Pesquisa: Cultura, Territorialidade e Poder

Aprovada em: 28/02/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Drº Paulo Rodrigues Gajanigo
(Orientador)

Profª. Drª Wania Amélia Belchior Mesquita



Prof. Dr Carlos Abraão Moura Valpassos



Profª. Drª Maria Clareth Gonçalves Reis

*Para todas as mulheres negras que resistiram
e inspiraram ao longo da História.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Capes por me conceder bolsa de financiamento que permitiu desenvolver esta pesquisa. Agradeço aos trabalhadores e trabalhadoras que a partir de seus impostos financiaram essa pesquisa, realizada em uma universidade pública que mesmo sofrendo sucessivas tentativas de desmonte por parte do governo do estado, permanece contribuindo para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Ingressei na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro quando ela estava para comemorar seu aniversário de 25 anos e sou muito grata por ter feito parte de minha formação na Universidade do Terceiro Milênio onde encontrei professores e professoras que são grandes defensores do papel social que a UENF cumpre e deve seguir cumprindo com sua comunidade acadêmica. Aos servidores e servidoras e estudantes que lutaram bravamente quando as universidades foram atacadas pelo ex-ministro da educação Abraham Weintraub no ano de 2019. À esse incrível território deixo minha gratidão por ter me proporcionado bem mais que conhecimento acadêmico.

Por seus corredores, salas de aula, auditórios e espaços de confraternização (re) encontrei Ana Carla e Renata, mulheres negras que ao longo da pesquisa foram porto seguro e fonte de inspiração. Tariane pelos cafés nas quartas de manhã que rendiam longas conversas. Os amigos Roberto e Pedro e as amigas Mariane e Luciana pelas ótimas conversas na fila do Restaurante Universitário Cícero Guedes. A Eliz Rosa pela revisão do texto, por toda irmandade com que me acolheu e aconselhou nessa jornada. Convicta de que essa conclusão seria impossível sem você. Aos meninos da Portelinha pelas conversas animadas e por aturarem meu péssimo desempenho nas poucas vezes em que me rendi a jogar bola com eles.

Ao corpo docente que fez parte de minha formação Marinete dos Santos Silva, Luciane Soares, Geraldo Timóteo, Ricardo Nobrega e Ricardo Shiota pelas aulas que sempre despertaram vontade de conhecer mais. deixo aqui minha gratidão pela dedicação em cada aula. À coordenadora Wânia Belchior pela dedicação ao programa de Sociologia Política, por ter sido compreensiva e acolhedora diante dos percalços que enfrentei para concluir a pesquisa. Wânia foi determinante em estimular a escrita deste trabalho. Agradeço imensamente ao meu orientador Paulo Gajanigo pela disposição que sempre demonstrou ao longo da pesquisa. Certa de que bem mais que conhecimento acadêmico, quero seguir na docência inspirada na sua generosidade que tanto me marcou.

Agradeço as contribuições da professora Clareth Reis, e do professor Carlos Abraão que ao lado de Wania e Paulo fizeram parte da defesa do projeto e, posteriormente, da defesa desta

dissertação. Muito obrigada por terem apontado caminhos que me estimulam a dar continuidade à pesquisa.

Convicta que a conquista de um mestrado só se fez possível pela família que me nutriu de afeto e me fortificou para essa conquista, agradeço aos meus pais Arlete e Reginaldo que tiveram oportunidade de dar continuidade aos seus estudos acreditaram na educação como ferramenta de transformação da vida de nossa família. Agradeço a minha irmã Sheila fonte de inspiração desde a infância por sua dedicação aos estudos, sua coragem de sair do nosso núcleo familiar para ser a primeira das famílias Maturana e Teixeira a ingressar em universidade pública, a se tornar mestre e depois doutora pela Universidade Federal Fluminense.

As mulheres que vivenciaram minha transição capilar, Alessandra, Gisele e Mayara. Vocês são minha família nessa cidade. As amigas Giovana, Nina e Elaine pelo acolhimento quando o fardo pesava mais do que eu podia aguentar. Gratidão por todas as vezes que vocês espantaram a falta de confiança. Ao Pedro, pelo companheirismo cotidiano, pela compreensão nos momentos que estive ausente e por seu cuidado com o nosso lar que garantiu paz de espírito permitindo o desenvolvimento da escrita.

Um agradecimento muito especial à Paola e Eroilma pela confiança em dividir as histórias que esta pesquisa conta. Agradeço também, a Luiza, Andressa, Marvin e Jackson pelas conversas sobre o EncresCampos.

Ain't got no home, ain't got no shoes
Ain't got no money, ain't got no class
Ain't got no skirts, ain't got no sweaters
Ain't got no perfume, ain't got no love
Ain't got no faith

Ain't got no culture
Ain't got no mother, ain't got no father
Ain't got no brother, ain't got no children
Ain't got no aunts, ain't got no uncles
Ain't got no love, ain't got no mind

Ain't got no country, ain't got no schooling
Ain't got no friends, ain't got no nothing
Ain't got no water, ain't got no air
Ain't got no smokes, ain't got no chicken
Ain't got no

Ain't got no water
Ain't got no love
Ain't got no air
Ain't got no God
Ain't got no wine
Ain't got no money
Ain't got no faith
Ain't got no God
Ain't got no love

Then what have I got
Why am I alive anyway?
Yeah, hell
What have I got
Nobody can take away

I got my hair, got my head
Got my brains, got my ears
Got my eyes, got my nose
Got my mouth
I got my
I got myself

I got my arms, got my hands
Got my fingers, got my legs
Got my feet, got my toes
Got my liver
Got my blood

I've got life
I've got lives

I've got headaches, and toothaches
And bad times too like you

I got my hair, got my head
Got my brains, got my ears
Got my eyes, got my nose
Got my mouth
I got my smile

I got my tongue, got my chin
Got my neck, got my boobs
Got my heart, got my soul
Got my back
I got my sex

I got my arms, got my hands
Got my fingers, got my legs
Got my feet, got my toes
Got my liver
Got my blood

I've got life
I've got my freedom
Ohhh

I've got life!

(Intéprete: Nina Simone)

Compositores: Galt MacDermot / Jerome
Ragni / James Rado

Letra de Ain't Got No - I Got Life ©
Sony/ATV Music Publishing LLC, BMG
Rights Management, Royalty Network)

RESUMO

TEIXEIRA, Gabby Maturana. Transição capilar, cabelos crespos e racismo: a história de vida de mulheres negras transicionadas em Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, 2021.

A pesquisa teve como objetivo analisar a história de vida de mulheres negras que a partir da transição capilar retornaram a textura crespa de seus cabelos. Constatou-se que a transição para a adoção de tal estética contribuiu para a percepção de como historicamente as mulheres negras viram-se obrigadas a tomar como referência estética do ideal de branquitude para serem inseridas socialmente, no contexto pós abolição. O objetivo geral da pesquisa foi conhecer como as mulheres que contribuíram com suas vicissitudes modificaram a percepção sobre o padrão de beleza hegemônico e abandonaram as químicas de alisamento de forma definitiva. A discriminação durante a trajetória escolar, a influência de família e a ausência de referências de mulheres negras que adotassem a estética racial aparecem nos relatos como fatores motivadores para iniciarem os alisamentos, bem como participar de espaços, virtuais e presenciais, em que o tema da transição capilar era debatido, permitiu ressignificar e identidade negra bem como contribuiu para que elas abandonassem as químicas de alisamento.

Palavras-chave: História de Vida, Transição Capilar, Racismo.

ABSTRACT

TEIXEIRA, Gabby Maturana. Hair transition, frizzy hair and racism: the life story of black women transitioned in Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, 2021.

The research aimed to analyze the life history of black women who, from the hair transitioning, returned to their hair's curly texture. It was found that the transition to the adoption of such aesthetics contributed to the perception of how historically black women were forced to take the ideal of whiteness as an aesthetic reference in order to be socially inserted in the post-abolition context. The general objective of the research was to know how the women who contributed with their vicissitudes changed the perception of the hegemonic beauty standard and definitively abandoned hair straightening chemicals. Discrimination during the school career, family influence and the absence of references from black women who adopted racial aesthetics appear in the reports as motivating factors for starting straightening, as well as participating in virtual and in-person spaces, in which the theme of the hair transitioning was debated, it allowed a new meaning and black identity as well as contributed to their abandoning the straightening chemistries.

Key-words: Life-history, Hair Transitioning, Racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Encontro do EncresCampos em abril de 2016 no Jardim São Benedito	17
Figura 2 – Registro dos ataques racistas proferidos contra a jornalista Maria Júlia Coutinho quando da previsão do tempo no Jornal Nacional em 2015	33
Figura 3 – Fases da transição capilar	36
Figura 4 – Na tentativa de cuidar dos cabelos “ruins” antes das químicas de alisamento o procedimento era realizado com pente e ferro quente	40
Figura 5 – À esquerda estão os produtos que compoñham seu kit de alisamento. À direita uma foto de 1914 da Madame C. J. Walker	41
Figura 6 – Da esquerda para direita, Leila Velez e Zica Assis, sócio-proprietárias do Instituto Beleza Natural	45
Figura 7 – Classificação dos fios tendo como critério a curvatura dos fios	47
Figura 8 – Da insegurança ao empoderamento.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BN – Beleza Natural

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Metodologia	16
<i>Erô</i>	19
<i>Paola</i>	19
<i>Os (des)encontros</i>	20
1 O CORPO NEGRO, A SOCIEDADE COLONIAL E O CONFLITO	21
1.1 Problematizando o cabelo	28
2 TRANSIÇÃO CAPILAR E MULHERES NEGRAS: O MOVIMENTO ESTÉTICO QUE É POLÍTICO	35
2.1 A transição capilar como rito de passagem	37
2.1.1 Os cuidados com os cabelos alisados.....	41
2.2 A transição capilar e as mídias	49
2.3 A transição capilar e o ciberespaço	52
3 A TEXTURA DO CABELO E O TRATAMENTO SOCIAL DADOS ÀS MULHERES NEGRAS	57
3.1 A história de vida de Eroilma e Paola	57
3.2 “Ain’t got no culture”	58
3.2.1 Definindo situação.....	60
3.3 “Ain’t got no friends”	62
3.3.1 Definindo situação.....	66
3.4 “Ain’t got no love”	67
3.4.1 Definindo situação.....	68
3.5 “I got my hair”	69
3.5.1 Definindo situação.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

Pesquisar mulheres negras que decidiram adotar os cabelos crespos a partir do rompimento com as químicas de alisamento é relevante, pois se trata também de um rompimento com um padrão estético construído, historicamente, a partir do ideal da branquitude e reforçado pela singularidade do racismo envolto no mito da democracia racial. A transformação estética passa a ser a afirmação de se sentir pertencente à identidade negra. Tendo isso em mente, há que se considerar por que mais mulheres estão aderindo à estética negra, justamente no momento em que ocorre um aumento da violência contra corpos negros e o enfraquecimento de políticas e órgãos que atuavam para promover políticas de igualdade racial (SANTOS, 2020; BRASIL, 2020).

A afirmação da identidade negra a partir da transição capilar foi investigada nesta pesquisa, compreendendo a segunda década do século XXI e leva em consideração as políticas de promoção da igualdade racial como parte fundamental da construção de um olhar empoderado sobre a identidade negra. Tais políticas que já enfrentavam resistências por parte de setores que contestavam suas necessidades históricas, encontraram o espaço para deslegitimar e enfraquecer as políticas, bem como os quadros políticos que as defendem. Exemplo disso é que, no dia 14 de março de 2018, uma vereadora negra do município do Rio de Janeiro foi executada com tiros quando retornava de uma atividade em que participava de uma roda conversa com mulheres negras.

Não bastasse a barbaridade do fato, logo começaram a circular em diversas redes sociais, informações falsas de sua vida. Muitas delas associando-a, direta ou indiretamente, com o tráfico de drogas. Os fatos que sucedem o assassinato são tão graves quanto o acontecimento em si. A confiança no conteúdo falso produzido e espalhado pelas redes sociais sobre sua trajetória de vida de Marielle só se justifica porque, no imaginário social brasileiro, ser negra significa ser associada, dentre outros estigmas, a uma conduta criminoso, o que explicaria o seu assassinato. Tais falácias seriam levantadas se a vereadora não fosse negra?

O assassinato da vereadora Marielle Franco, embora tenha causado uma grande comoção nacional, posto que a vereadora era uma militante muito conhecida, dentre outras coisas, pelas pautas de minorias que defendia, também demonstrou que ser negra no Brasil, muito longe de ser como viver numa democracia racial, é viver sendo associada a uma imagem de ilegalidade, criminalidade e desprezo social. Justamente por todos esses estigmas é que a construção da identidade racial demanda muito autoconhecimento.

A textura do cabelo crespo é o elemento estético sobre o qual pesam uma série de adjetivos ultrajantes, apesar de historicamente diversos movimentos negros terem contestado a

hegemonia de um padrão de beleza ancorado no que a branquitude nomeou como traços finos. Na atualidade, esse tema alcança um número cada vez maior de pessoas em diversas redes sociais, a partir de um avanço na popularização da internet, a transição capilar foi pautada discutindo dicas de cuidados com os cabelos bem como a vivência com o cabelo natural e o racismo que se intensifica a partir do rito.

A transição capilar, ao trazer à tona o tema do cabelo crespo possibilitou debater a origem do preconceito, que usou a cor da pele, os lábios grossos, o cabelo volumoso, dentre outras características fenotípicas. Caracterizou essas diferenças como feias, sujas, impróprias e assim alicerçou a justificativa para a escravização que durou de forma legalizada por quase quatro séculos. A transição capilar foi compreendida como um rito de passagem em que junto com o cabelo natural¹ nasce um novo olhar sobre si em que há o orgulho do corpo gritar sua negritude.

Considerando as questões acima, o objetivo geral da pesquisa é conhecer as motivações de mulheres negras para aderirem à “estética negra” apesar dos estigmas do período colonial que permanecem presentes no imaginário social brasileiro, mesmo depois de treze décadas da abolição. Os objetivos específicos buscaram conhecer as motivações que as levaram a alisar bem como a parar de alisar os cabelos; identificar os meios por onde se informaram a respeito da transição capilar; conhecer o significado transição capilar para a construção das identidades.

Nesse sentido, a pesquisa está estruturada da seguinte forma:

O primeiro capítulo foi dedicado a uma análise histórica de como o corpo negro foi coisificado, transformado em mercadoria nos séculos em que vigorou o escravismo no período colonial (BARROS, 2019). A submissão ocorreu a partir da negação da cultura, da língua, da própria humanidade de que era escravizado(a). A ausência de políticas no pós abolição marcou profundamente a inserção social dos negros e negras ao mercado de trabalho, quando o Brasil passou de economia escravista para assalariada. A transformação econômica não é acompanhada de políticas públicas de combate ao preconceito racial. Assim, a população negra, passados mais de treze décadas da assinatura da Lei Áurea, permanece empregada em funções subalternas e sendo vítima de discriminação, sem muitas possibilidades de ascensão social (FERNANDES, 1964; NOGUEIRA, 1985; GOMES, 2002, KILOMBA, 2019).

A transição capilar, tema do segundo capítulo, foi compreendida como um período de margem. Parte do rito de passagem em que está em trânsito o crescimento de um cabelo por vezes desconhecido e carregado de estigmas de inferiorização racial (GENNEP, 1909;

¹ A expressão cabelo natural é uma categoria nativa que se refere ao cabelo que não recebe mais química de alisamento. Mas esse cabelo além de cortes e penteados, por vezes pode receber coloração e permanecer sendo tratado como natural, posto que o que está sendo tratado como natural é a sua textura.

GOMES, 2017). A internet apareceu como uma ferramenta central para a divulgação da transição capilar, bem como proporcionou a criação de uma rede de solidariedade a partir das redes sociais permitindo trocas de experiências, dicas para as rotinas de cuidados com os cabelos e, até mesmo, troca de afetos. Ou seja, a internet contribuiu para que mais mulheres conseguissem passar pela margem e concluir a transição capilar (DALTRO, 2016; GOMES, 2017; MATOS, 2016).

No capítulo 3 é apresentada as histórias de vida de Paola e Erô. A partir da análise da canção interpretada por Nina Simone, “*Ain’t got no, I got life*” – que configura uma exaltação ao corpo negro como templo – emergiram reflexões que se correlacionam com os relatos de mulheres negras a respeito da condição de ser negra no Brasil. Para as entrevistadas, a textura dos cabelos foi um fator determinante para definir a situação das maneiras como foram tratadas ao longo de suas vidas (GOFFMAN, 1981). Em “*Ain’t got no culture*” busco demonstrar como o mito da democracia racial e o ideal de branquitude impedem que as famílias enxerguem-se como negras e passam a ser, também, ela própria reprodutora do entendimento de que meninas e mulheres negras precisam alisar seus cabelos para estarem apresentáveis (SOUZA, 1983). Em “*Ain’t got no friends*” são apresentadas as memórias da trajetória escolar (GOMES, 2002) das interlocutoras. “*Ain’t got no love*” observa-se a ausência de reciprocidade e também o racismo no âmbito da vida amorosa. Por fim, “*Ain’t got my hair*” trata da ressignificação da relação com os cabelos sob a ótica da transição capilar (BOTEZINI, 2011).

Nas considerações finais, ao fazer um apanhado dos principais elementos que fizeram parte da construção da pesquisa, destaquei o papel que as redes sociais cumpriram ao expandir o acesso ao debate em torno da transição capilar, não só como um movimento estético, mas como um processo ritual dotado de uma possível politização acerca do preconceito racial.

Por fim, cabe ressaltar que ao longo do texto são usadas imagens que buscam contribuir, usando o recurso da linguagem não-verbal, para a compreensão de que os cuidados com os cabelos crespos são, por vezes, dolorosos do ponto de vista psicológico e físico. Bem como o crescimento do novo cabelo, que demanda uma espera.

Metodologia

Considerando que a transição capilar foi compreendida como um rito de passagem e que, para as mulheres negras, ao vivenciar a experiência de deixar seus cabelos crescerem livres de químicas de alisamento, ficam mais suscetíveis à experiência com o racismo que emerge quando elas passam a transgredir os padrões expostos, encontrei, na história oral, a forma de registrar depoimentos de duas mulheres negras que são a matéria prima dessa pesquisa. Tais

depoimentos, por vezes, foram compartilhados com as vozes embargadas das interlocutoras, ao relatarem as suas histórias de vida.

A história de vida, por sua vez, foi a metodologia escolhida ao possibilitar conhecer as memórias trazidas pelo cabelo de mulheres negras que já passaram pela transição capilar. A técnica abre a possibilidade de conhecer e se aprofundar nas nuances que implicam tanto a decisão em alisar quanto na de romper com as químicas de alisamento. As mulheres ouvidas na pesquisa possuem cabelo crespo e reconhecem, no EncresCampos, uma referência na discussão da transição capilar e da estética negra no município de Campos dos Goytacazes. A partir de sua página no *Facebook*, criada em 2 de julho de 2015, o coletivo passou a promover encontros nas praças da cidade, onde ocorriam debates, trocas de experiências e acolhimento em torno do tema da transição capilar e da estética negra.

Figura 1 – Encontro do EncresCampos em abril de 2016 no Jardim São Benedito



Fonte: Foto extraída da página do EncresCampos no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1263793790317073&set=t.100002113070185&type=3>. Acesso em 15 de julho de 2020.

Ao realizar a minha transição capilar em 2015 participei de atividades promovidas pelo EncresCampos, mas somente em 2018, ano em que iniciei a pesquisa, me (re)aproximei das pessoas que estavam à frente do coletivo. Após alguns encontros percebi que o EncresCampos havia modificado de forma significativa a sua atuação devido a dinâmica de vida das pessoas mais ativas dentro do coletivo. A nova dinâmica passou a impossibilitar a constante promoção dos encontros nas praças que outrora foram marcas do movimento.

Nos últimos anos, a atuação do EncresCampos tem ocorrido, centralmente, em atividades escolares onde, mediante os convites realizados por algum membro da comunidade

escolar, pública ou privada, é promovido o debate racial por meio de oficinas de tranças, turbantes, penteados afro, entre outros que abrem, assim, o caminho para uma roda de conversa. Embora tenha realizado encontros presenciais com três membros do Encrescampos – com a Luiza, Jackson e Marvin – fiz contato com a Andressa via o aplicativo de mensagens *WhatsApp*². Contudo, após essa interlocução, não consegui encontrar os elementos que pudessem me ajudar a responder minha pesquisa.

O EncresCampos já havia aberto as portas para que eu desse segmento à pesquisa. Ao frequentar os eventos, havia me aproximado de mulheres negras que dividiram as histórias de vida que dão corpo à pesquisa. A matéria-prima para desenvolvê-la deu-se a partir da narrativa de Eroilma e Paola. Minha história se esbarra na delas, tendo em vista que nos conhecemos em espaços recreativos e de discussão promovidos pelos movimentos negros de Campos dos Goytacazes, que tinham como cerne, a construção da “I Semana Unificado do Negro”³, realizado entre os dias 24 e 26 de novembro de 2015, na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). O vínculo que criamos nos cinco anos que separam a Semana Unificada das entrevistas foi fundamental para que elas expusessem momentos bem íntimos de seus cabelos que, possivelmente, se sentiram ridicularizadas ao partilhá-las, visto que marcaram profundamente suas histórias de vida, conforme será visto adiante.

Nesse sentido, ao mergulhar na história de vida de Eroilma e Paola pude perceber que algumas memórias de dor que afloraram em minha transição capilar não era só minhas, foi “um encontro único entre um pesquisador[a] e uma pessoa que aceita se confiar a ele[a]” (Lévy, 2001, p. 93).

Erô

Eroilma Fernandes dos Santos, a Erô, tem 26 anos é natural de Porto Seguro (BA), autodeclara-se como negra, bissexual e não praticante de nenhuma religião. Com exceção do Curso Técnico que a traz para Campos de forma definitiva em 2014, sempre frequentou a escola pública. Atualmente encontra-se em vias de formar-se como assistente social pela UFF Campos.

cÉ filha de um eletricitista autônomo e de uma dona de casa que se dedica a cuidar de sua irmã mais nova, uma moça de 22 anos que nasceu com paralisia cerebral. A preocupação em

² Trata-se de um aplicativo que pode ser acessado em diversos dispositivos, como por exemplo, smartphones, computadores e tablets, que permite o envio de mensagens de texto instantâneas, realizar chamadas de voz, enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis quando conectado à internet.

³ A divulgação da semana de eventos aconteceu na página do jornal “Campos 24h”. Disponível em: <https://www.campos24horas.com.br/noticia/i-semana-unificada-do-negro-dias-24-25-e-2611>: Acesso em 15/12/2020

buscar nos estudos uma ascensão social e financeira para retribuir a sua família e cuidar de sua irmã foi a força que encontrou para deixá-lo, mudando-se para Campos e atualmente residindo à trabalho em Macaé.

A transição capilar é um processo que ela vivenciou acolhida por suas colegas de faculdade. Mulheres negras com quem Erô teve a oportunidade de se inspirar e que fazem parte da (re)construção de uma identidade que ela sentia constrangimento de assumir. Suas idas sazonais à Porto Seguro possibilitaram que ela vivenciasse sua transição longe de seus pais; um processo que gerou alguns relatos de insatisfação de sua família com sua nova aparência.

Paola

Paola Santos tem 26 anos e é natural do município de Campos e moradora do Parque Aldeia, um bairro periférico do município, localizado no distrito de Guarus. Autodeclara-se como mulher, negra, heterossexual e não praticante de nenhuma religião.

Filha de um pedreiro e de uma auxiliar de serviços gerais, seus pais estão separados desde a sua infância. Sua mãe é personagem central na narrativa que constrói ao tratar de sua relação com seus cabelos. Sua mãe é vítima de preconceito racial por parte de sua avó materna. Esse elemento, colocado por Paola, parece justificar a preocupação de sua mãe com a aparência da filha. A rotina semanal de tratamento em salões gerou demandas de cuidados com os cabelos. Embora a jornada de trabalho de sua mãe não permitisse que ela estivesse constantemente por perto, ela sempre fez questão que Paola cuidasse dos cabelos com esmero, elegendo o alisamento como forma de tratamento. Tais demandas promoveram o encontro de Paola com o que ela denomina ser uma outra família. Essa relação emerge de seus relatos de uma forma muito afetuosa.

Um ponto de extrema relevância na história de vida de Paola diz respeito à trajetória escolar dela. Envolve seus cabelos de forma central e por isso é marcada pelo preconceito racial manifestado de forma verbal e também por violência física. Outro momento importante de sua vida, que merece ser destacado, é quando ela procura um salão especializado em cabelos afro, o Beleza Natural. Paola procura o salão acreditando que receberá um tratamento que irá lhe promover bem-estar. Com o avançar de sua narrativa, percebemos que lá ela também sofre preconceito por parte de quem “cuida” dela.

Os (des)encontros

O artigo “O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração” (NOGUEIRA, et al, 2017) apresenta a história de vida como a promoção de um encontro estabelecido para além de uma base de confiança por parte de quem conta sua

trajetória, bem como da convicção da compreensão por parte de quem escuta. Considerando o período em que os (des)encontros foram feitos, novembro de 2020, permitam-me pensar um trocadilho com o nome do artigo “O método de história de vida: a exigência de um (des)encontro em tempos de pandemia”.

Boa parte da interação que antecedeu nossos encontros ocorreu pelo *WhatsApp*, por mensagens, áudios e chamadas, visto que, desde março de 2020, Eroilma foi para Porto Seguro com sua família e Paola reside num bairro relativamente distante do meu. Em outubro de 2020, Erô, até então desempregada, aceitou uma proposta para trabalhar em uma multinacional em Macaé. Fui convidada para conhecer sua nova casa em Macaé, no feriado de 20 de novembro, quando realizamos a entrevista de modo presencial. Enquanto retornava a Campos, ainda no ônibus, muito empolgada com a entrevista de Ero, realizei a entrevista via *Whatsapp* com a Paola. Enviava as perguntas do roteiro de forma escrita, uma de cada vez, e ela respondia por áudio. A decisão de entrevistá-la por essa via justifica-se pela decisão de não interromper seu isolamento social.

CAPÍTULO I – O CORPO NEGRO, A SOCIEDADE COLONIAL E O CONFLITO

Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa (Frantz Fanon).

A afirmativa de Fanon (2008) se refere ao processo de racialização dos povos. A exploração dos que foram considerados menos desenvolvidos e animalizados foi alicerce para o acúmulo de capital que construiu e, posteriormente, consolidou o modo de produção capitalista, assim como marcou a trajetória histórica das Américas, deixando de legado mazelas político-sociais. A diáspora africana e a invasão europeia das Américas são processos que se inter-relacionam. Para que a sociedade capitalista pudesse se consolidar foi fundamental a exploração de uma mão de obra negra até o último suspiro. E não seria um exagero dizer que ainda necessita (IANNI, 1965).

Foi necessário impor muita crueldade nas cândidas nações europeias para impor-se enquanto modelo civilizatório. Com o aval da igreja católica, instituição com forte peso político, o argumento da “autoficção da identidade europeia” (BARROS, 2019, p. 29) foi justificado, concebendo, assim, a escravidão como uma missão que deveria ser levada a todos as civilizações entendidas como atrasadas. Posteriormente, com o desenvolvimento da teoria positivista, a racialização ganha teorias acadêmicas que reforçam o pensamento eugenista (QUIJANO, 2000).

Sendo assim, nas regiões em que vigorou o sistema escravista, os europeus estabeleceram critérios para a divisão do trabalho na colônia (MOURA, 1983). Esses critérios além de considerar as habilidades manuais dos indivíduos escravizados, levavam em consideração, principalmente, o tom de pele e a textura do cabelo. O corpo negro foi rotulado como forte e por isso designado para o trabalho forçado em rotinas degradantes (BARROS, 2010).

Em *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos* o historiador e jornalista C.L.R James (2010) conta a história da única revolução negra vitoriosa que sob a liderança de Toussaint, “um dos mais notáveis homens de uma época repleta de homens notáveis”, conduziu o Haiti a deixar de ser uma colônia francesa e tornar-se a primeira república da América Latina (JAMES, 2010, p. 15). Os relatos das condições em que viviam os escravizados é ultrajante e fundamental para que possamos compreender o processo de união

para a superação das condições desumanas a qual eram submetidos. Assim, o corpo negro foi coisificado. Ao ser transformado em mercadoria foi usado, vendido, trocado, marcado, mutilado, dentre outras barbaridades. Para compreender melhor o aspecto de coisificação do corpo negro, é importante ter em mente que a coisificação dos corpos negros

se objetivava não só na condição escrava, mas na forma como os senhores se relacionavam com o corpo dos escravos e como os tratavam: os castigos corporais, os açoites, as marcas a ferro, a mutilação do corpo, os abusos sexuais são alguns exemplos desse tratamento. Mesmo diante de tal situação, em que a liberdade oficial estava condicionada à carta de alforria, os escravos e as escravas desenvolveram as mais diversas formas de rebelião, de resistência e de busca da liberdade. Naquele contexto, a manipulação do corpo, as danças, os cultos, os penteados, as tranças, a capoeira, o uso de ervas medicinais para cura de doenças e cicatrização das feridas deixadas pelos açoites foram maneiras específicas e libertadoras de trabalhar o corpo (ibid, p. 42).

Todas essas relações foram estabelecidas a partir de critérios relacionados a cor e a textura do cabelo, para designar os grupos escravizados que iriam para cada frente de trabalho na colônia. Para mineração e lavouras eram destinados escravizados de tom de pele mais escura e cabelos crespos, por serem classificados como mais fortes e, portanto, aptos a essa demanda europeia de trabalho. Outro perfil de pessoas escravizadas eram destinados para as demandas de trabalho da casa-grande. Para o trabalho considerado de mais confiança, ou seja, de mais proximidade com o senhor e à sua família, eram escolhidos aqueles(as) de pele mais clara e cabelo menos crespo (FREYRE, 2006).

Essa classificação já foi criando, no imaginário social brasileiro, uma divisão entre quem era mais aceito para estar próximo à família do senhor e que seria exaurido nos trabalhos mais pesados. Por tudo isso é que o corpo fala “a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo” e por todo território brasileiro, o corpo negro esteve para ocupar um espaço subalterno (GOMES, 2002, p. 41). E quando transgredir a subalternização, é contestado, impedido ou, por vezes, tem a sua identidade negra apagada.

Falam porque foram, aproximadamente, quase quatro séculos de resistência e luta para se libertar da humilhação, da animalização, da coisificação, da negação de suas culturas dentre outras formas de violências, todas a afetar o corpo negro. Falam para buscando desmistificar o olhar do

chamado “Outro”, sempre como antagonista do “eu” (self). Essa cisão evoca o fato de que o sujeito branco de alguma forma está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego a parte “boa” acolhedora e benevolente - é vista e vivenciada como “eu” e o resto - a parte “má”, rejeitada e malévol - é projetada sobre a/o “Outro” como algo externo. O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito

branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a bandida/o indolente e maliciosa/o (KILOMBA, 2019, p. 36-37).

Ao longo do período pós abolição consolidou-se, no âmbito sócio-cultural, a ideia de que os negros de pele mais escura são menos valorosos que os de pele mais clara, que eram considerados mais atraentes, mais inteligentes (BYRD & THARPS, 2001). Esse mesmo olhar é lançado sobre os corpos dos indivíduos miscigenados Primeiro vistos como símbolo do atraso do Brasil, posteriormente, como produto de uma interação menos violenta entre escravizados e os escravizadores portugueses (FREYRE, 2006). Fruto desse pensamento, a teoria da democracia segue sendo um obstáculo ao enfrentamento do racismo no Brasil. Isso porque após os anos 30 do ano passado, a comunidade intelectual brasileira

construiu para si uma imagem de que seria um país isento de preconceito racial. Isto seria derivado de um modelo específico de colonização experimentada pelo país, de origem ibérica, mais especificamente lusitana, que teria favorecido a formação de uma noção mestiça. Do mesmo modo, o preconceito de cor, ainda que pudesse ocorrer em alguns casos, seria atenuado por uma série de fatores de corte subjetivo e afetivo, aplicando as possibilidades de convívio entre cores/etnias e fazendo com que, em nosso país, tenha sido gerada uma *democracia racial* (PAIXÃO, 2003, 63).

No imaginário social brasileiro, a presença da democracia racial dificultou a percepção do racismo sofrido pelos afro-brasileiros, ou seja, aprofundando o abismo social existente entre brancos e negros, ao criar a ilusão de que aqui no Brasil não existiria racismo. A base para uma nova percepção da estrutura racial brasileira e de sua dinâmica foi possível a partir da obra “A Integração do Negro na Sociedade de Classes” de Florestan Fernandes, publicada em 1964, abriu um novo horizonte na compreensão das desigualdades entre brancos e negros, ao se contrapor à democracia racial.

Nem tudo é visível com relação ao destino do negro e do mulato no Brasil, por causa do nosso padrão típico de “segregação rudimentar” e difusa. Contudo as indicações demográficas oferecem uma espécie de radiografia dessa realidade camuflada, revelando-nos que o negro e o mulato subsistiram, indefinidamente, no primeiro estágio de “luta pela vida” das populações rústicas migrantes concentradas na grande cidade. Esse fato é que merece atenção central, por que evidencia que, quase meio século após a Abolição, o negro e o mulato ainda não tinham conquistado um nicho próprio e seguro dentro do mundo urbano, que fizesse daquele estágio um episódio de transição, inevitável, mas transponível. Pagaram com o próprio corpo ou com a própria vida, ininterruptamente, os anseios de liberdade, de independência e de consideração que animava a ‘tentar a sorte’, usufruindo magramente das compensações materiais e morais da civilização (FERNANDES, 1964, pp. 160-161).

A Democracia Racial também foi um termo analisado por Guimarães (2001). Em um dos seus estudos ele buscou ver como esse termo foi construído no discurso de ativistas negros, políticos e intelectuais para designar um ideal de conveniência inter-racial a partir da década de 1950. Além disso, ele também se atenta aos lugares ou momentos em que a democracia racial

passa a ser empregada ao longo do tempo, até chegar à conclusão de que esse termo poderia ser considerado um mito (GUIMARÃES, 2001). Fernandes (1964), ao classificar como um mito a ideia de Democracia Racial, viabilizava a compreensão do racismo como parte da sociedade brasileira que colocava brancos, negros e mestiços, em um verdadeiro abismo social.

O sociólogo Oracy Nogueira (1998, 2007) elaborou uma diferenciação sobre a forma como a discriminação racial é praticada no Brasil, devido ao impacto da democracia racial que está arraigada no imaginário social brasileiro e o definiu como “preconceito de marca”, praticado contra aqueles que carregam no corpo as características do fenótipo negro. Os lábios grossos, o nariz achatado, a pele escura e, principalmente, cabelo crespo. Outra forma de reprodução do racismo foi denominada como “preconceito de origem”. Essa é a forma como o racismo se reproduz, por exemplo, nos Estados Unidos contra todos que descendem dos negros, independentemente do tom de pele ser mais claro ou mais escuro. Nogueira destaca que o preconceito de marca é praticado, levando em consideração que “os característicos de quem o observa como dos que estão sendo julgados, bem, como, ainda, em função da atitude [...] de quem observa” (NOGUEIRA, 1985, p. 7).

Ao falar dessa conflituosa relação racial do período colonial e enfatizar o processo de escravização e seus reflexos nos tempos atuais, é importante ressaltar que a escravização nunca foi pacífica. As formas de resistência às dominações do seu corpo e de sua cultura foram inúmeras. Formaram-se quilombos como territórios em que para além de se refugiarem do trabalho forçado e dos castigos, buscavam resgatar outros escravizados e, posteriormente, aliam-se a movimentos abolicionistas. Campos dos Goytacazes é uma das cidades em que a produção de cana de açúcar contava com uma das maiores concentrações de escravizados onde emergiu um movimento abolicionista radical de atuação marcante (MOURA, 1987).

O abolicionismo radical avançava na última etapa da escravidão. Em cidades como Campos, no Estado do Rio, ele assume a liderança do movimento, imprimindo-lhe um conteúdo muito mais profundo do que aquele recomendado por Nabuco, porque naquela cidade fluminense abolicionistas e escravos rebeldes conseguiram unir-se politicamente. Várias razões determinaram esta radicalização. Em primeiro lugar, Campos já era uma cidade de tradição quilombola. Particularmente desumana, com requintes de crueldade sistemáticos, a escravidão nessa região criava sua contrapartida negativa: a fuga e a rebelião. Os requintes de barbárie chegavam à cremação dos corpos de escravos depois de terem sido assassinados na tortura. Diante desta situação, os escravos de Campos se revoltam e fogem. (ibid., pp. 84-85)

Dentre as diversas formas de resistência podemos rememorar as fugas para quilombos, as queimadas de plantações, dos engenhos e mesmo da casa grande. Mas, para além disso, é preciso ressaltar a resistência cultural secular por meio da religião, das cantigas, das histórias transmitidas oralmente. Tais formas de resistência, que vão atravessar os séculos e se desdobrar

no que temos de movimento(s) negro(s), pode ser compreendido como

um conjunto de ações de mobilidade política, de protesto antirracista, de movimentos artísticos, literários e religiosos, de qualquer tempo, fundadas e promovidas pelos negros no Brasil como forma de enfrentamento do racismo. Entre elas encontram-se entidades religiosas (como as comunidades-terreiros), assistenciais (como as confrarias coloniais), recreativas (como “clube de negros”), artísticas (como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia), culturais (como os diversos “centros de pesquisa”) e políticas (como as diversas organizações do Movimento Negro e ONGs que visam à promulgação da identidade racial) (GOMES, 2020, pp. 22-23).

Todas essas formas de resistência foram fundamentais para que o movimento negro brasileiro repolitizasse a ideia de raça. Dessa vez, como uma potência emancipatória, assumir-se quanto negro, orgulhando-se dos cabelos crespos, da pele escura, dentre outros fenótipos, passa a ser parte da construção de sua identidade. Nesse sentido, ao

ressignificar a raça, esse movimento social [o movimento negro] indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das próprias vítimas (ibid., p.21).

O discurso e as reivindicações do Movimento Negro ao longo da década de 1980, foram se modificando ao perceber que as políticas públicas universalistas que foram instituídas no período pós-ditadura, se faziam insuficientes para atender a grande massa de população Afro-brasileira. A partir dessa década, as organizações negras⁴ passaram a denunciar de forma mais incisiva o Estado brasileiro como uma instituição que se mantinha inerte diante da cultura racista, que pouco contribuía na reparação histórica que o povo negro precisava/precisa, sendo a realidade escolar um ponto onde era/é preciso avançar.

É nesse momento que as ações afirmativas, com forte inspiração nas lutas dos negros norte-americanos, passam a se configurar como uma possibilidade e uma demanda política reais, transformando-se no final dos anos 90 e no século seguinte em intervenções concretas (GOMES, 2011, p. 113).

Compreendendo que a luta contra a discriminação e as desigualdades étnico-raciais são lutas que devem ser travadas em todos os países de passado colonial, bem como há necessidade em desmistificar a visão hegemônica do continente africano como pobre, quando, na verdade, foi empobrecido, é que diversos países se organizaram para debater propostas e encaminhar

⁴ Atuaram nesse período as seguintes organizações negras: Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, Articulação de Organizações de Mulheres Negras, Fórum Nacional de Mulheres Negras, Coletivo Nacional de Lésbicas Negras Feministas Autônomas, Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-brasileira, União dos Negros pela Igualdade, Juventude Negra e Favelada, Agentes da Pastoral Negros, entre outros. (GOMES, 2009 p. 46)

medidas com o objetivo de mitigar a desigualdade racial. Um desses espaços de enfrentamento ao preconceito racial foi a Conferência Internacional de Durban⁵, na África do Sul, realizada entre 31 de agosto a 08 de setembro de 2001. A preparação do Brasil para participar da conferência foi precedida de uma pré-organização do *movimento negro* e da Secretaria Nacional de Direitos Humanos. A secretaria foi criada em 2000 durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1998 - 2002), para debaterem as principais demandas a serem apresentadas em Durban⁶.

Após a Conferência de Durban, foram apresentadas resoluções direcionadas à exigir do Estado, políticas públicas de curto e médio prazo que mitigassem a disparidade social entre brancos e negros. Inicia-se uma série de políticas de ações afirmativas voltadas principalmente para a questão educacional. Nesse contexto, ocorreu a aprovação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório a inclusão da História da África e da cultura afro-brasileira nos conteúdos das disciplinas do Ensino Fundamental e Médio. Posteriormente, a lei foi modificada e a cultura indígena foi também inserida, substituindo, assim, a Lei 10.639/03 pela Lei 11.645/08. Estas leis são uma expressão do conjunto de ações pós-Durban.

É relevante dizer que, durante o processo de apresentação dos projetos de leis e suas aprovações e a criação do Estatuto da Igualdade Racial, ocorreram diversos vetos, justamente numa das partes mais importantes: as que regulamentavam o direcionamento das verbas destinadas ao investimento na preparação e atualização dos professores para essa nova realidade das salas de aula (GOMES, 2011).

Após aprovação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas, o governo Lula articulou outras ações campo da educação, como a política de cotas, a interiorização dos polos universitários, por exemplo, buscando aumentar as chances da juventude negra ingressar no ensino superior público. Outras conquistas importantes desse período são, segundo Reis (2017)

⁵ Conferência Internacional de Durban – foi um encontro mundial promovido pela ONU para discutir o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância, que ocorreu em Durban na África do Sul em setembro 2001. Constituiu numa ocasião em que representantes de governos e de movimentos sociais (particularmente os movimentos negros) de diversos países, puderam se concentrar nas etapas práticas para lutar contra o racismo e editou-se recomendações para combater os prejuízos e a intolerância, cobrando dos seus respectivos chefes de Estado, a elaboração de políticas para que os objetivos estabelecidos como agenda da conferência fossem alcançados.

⁶ No processo de preparação para a Conferência de Durban, foram realizadas pré-conferências estaduais e a Conferência Nacional contra o Racismo e a Intolerância, em julho de 2001 na UERJ. Durante essas conferências, as entidades do movimento negro entraram em acordo a cerca da necessidade da implantação de ações afirmativas no Brasil.

a criação dos artigos 215 e 216 da Constituição, que tratam de “questões relativas à preservação dos valores culturais da população negra”, elevando as terras remanescentes de quilombos à condição de Território Cultural Nacional” (REVISTA PALMARES, 2000); a criação do Decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003 que estabelece o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas, a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial pela Câmara Federal em setembro de 2005 (ibid., pp. 34-35).

Nos primeiros anos do século XXI, as políticas de ações afirmativas possibilitaram maior inserção de pessoas negras nas universidades, espaço em que vivenciaram ainda sob a ótica elitista de estarem diminuindo a qualidade da universidade. Tal processo foi de fundamental importância para que novas metodologias e estudos fossem realizados sem ser sobre a falsa neutralidade pregada por tanto tempo na academia.

As conquistas históricas de políticas de promoção da igualdade racial que “vinham sendo desenhadas desde a década de 1980 pelo Movimento Negro Brasileiro em sua relação com o Estado” (SANTOS, 2020, p. 200) encontram-se profundamente ameaçadas desde o golpe de 2016 como constata o geógrafo Renato Emerson Nascimento do Santos (2020) em seu artigo “A questão racial e as políticas de promoção da igualdade em tempos de golpe: inflexão democrática, projetos de nação, políticas de reconhecimento de território” em que analisou o “processo de construção de políticas de combate ao racismo (com foco nas populações negras), e sua inflexão nos” anos que seguem o golpe contra a presidente Dilma que culmina com ataques ainda mais graves com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 (ibid., p. 202).

Na epígrafe do artigo, Santos traz as falas do ex-ministro da educação do governo Bolsonaro, Abraham Weintraub, e do Presidente da Fundação Cultural Palmares Sérgio Camargo que, segundo ele, “não podem ser lidas como devaneios individuais de dois gestores “mal escolhidos” posto que representam, de forma grotesca, o projeto de nação e territórios de forças políticas conservadoras que se fortaleceram no pleito de 2018 (ibid., p. 216).

Dentre os principais argumentos que Santos levanta para confirmar o enfraquecimento das políticas de igualdade racial, estão as escolhas que os governos fazem dos nomes que irão ocupar cargos importantes, já dão o indicativo de quais práticas políticas defenderão. Nos anos compreendidos entre 2003 - 2016 “o perfil dos gestores das políticas de promoção da igualdade racial era dominado por homens e mulheres oriundos ou que mantinham forte

compartilhamento de diálogo com o Movimento Negro e a luta antirracismo” (ibid., p. 216).

Nos anos que seguem ao golpe, perfil muito diferente de gestores distanciados dos movimentos sociais se institui durante o governo tampão de Michel Temer (2016-2018) e gestores contra os movimentos sociais. Para o movimento negro, uma das nomeações mais discrepantes foi a de Sérgio Camargo à Presidente da Fundação Palmares em 27 de setembro de 2019.

Cabe ressaltar que é exatamente nesse contexto de enfraquecimento das políticas de mitigação às desigualdades do Brasil e de eleições democráticas que elegem representantes que legitimam a necropolítica como estratégia de intervenção nas periferias, que se intensifica o número de mulheres negras que abandonam as químicas de alisamento, utilizando dos cabelos crespos para legitimar sua identidade racial. Não é a primeira vez que os cabelos crespos foram símbolos de resistência ao racismo. Os movimentos de grande expressão *Black is Beautiful* e o *Black Power*, assim, enalteciam os cabelos para reafirmar sua identidade étnico-racial. Mas, como o cabelo crespo tornou-se esse símbolo da identidade negra? Vejamos.

1.1 Problematizando o cabelo

O cabelo deixa pistas valiosas sobre o contexto de cada sociedade, em diferentes épocas e partes do mundo – tanto pela própria constituição dos fios quanto pelo jeito como é usado (ARAÚJO, 2012, p. 15).

Cada cultura construiu um modo para apresentar os cabelos publicamente. Por isso, nenhuma parte do corpo sofre tantas alterações ao longo da vida quanto o cabelo. A forma como o cabelo é apresentado em público, principalmente em ocasiões especiais, pode dar informações sobre a cultura, o gênero, a idade e até mesmo a classe social que o/a indivíduo pertence. Diversos procedimentos são realizados nos cabelos ao longo da vida de uma pessoa, a fim de que os fios possam ser exibidos em público da melhor forma possível (ARAÚJO, 2012).

Quando pensamos na sociedade Ocidental, a apresentação pública dos cabelos é direcionada a representar um padrão de gênero binário, que segue os seguintes estereótipos: hegemonicamente, o gênero masculino cresce orientado a manter seus cabelos curtos, preferencialmente e, ter cabelos longos, é menos criticável se o homem for jovem; já para as

mulheres, o recomendado como ideal é que as jovens tenham fios compridos, simbolizando a sensualidade das mulheres e, de preferência, com um pouco volume, ou, para as mulheres consideradas maduras, orienta-se um cabelo curto ou preso (ibid.).

Nos territórios coloniais em que vigorou por séculos a relação escravista, falar sobre cabelo é falar, também, de estigmas sobre a pele negra e o cabelo crespo. Segundo Goffman, o estigma marcará “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” (GOFFMAN, 2004, p. 4). A pedagoga Nilma Lino Gomes (2002) no artigo “Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?” defende que as escolas possuem uma importância para além do ensino escolar, nesse espaço pode-se construir saberes culturais e sociais.

Dentre as principais violências decorrentes da colonização a maior delas foi ter “reduzido o indivíduo africano ao adjetivo negro, isto é, ter reduzido o indivíduo à aparência” e isso que gera um nocivo impacto ainda hoje (BARROS, 2019, p. 25). Fato é que o corpo negro encontrou grande dificuldade em se inserir na sociedade de trabalho livre. A mão-de-obra imigrante, em sua maioria europeia, convidada a vir para embranquecer o Brasil (FERNANDES, 1964).

Para o negro “só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco” (FANON, 2008, p. 60). A grande maioria da população negra, mesmo no pós-abolição tomará a branquitude como referência. Dadas essas circunstâncias,

a preocupação permanente [de negros e negras] em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego (op cit.).

É bem diante desse fato que os cabelos crespos que possuem, precisaram ser alisados, posto que o referencial de beleza tomado como padrão, “concedida ao cabelo liso pauta-se na argumentação que considera desfavorável [feio] o que justamente é positivo no cabelo crespo, possuir textura, volume, densidade” (SILVA, 2016, p. 7).

Tais estigmas afetaram profundamente a relação de pessoas negras com seus corpos. Por essa razão, como já comentado anteriormente, se justifica a importância de ressignificar o

conceito de raça. O caminho para a superação dos estigmas da população negra perpassou – e ainda perpassa – pela valorização da identidade racial, o que inclui a valorização da pele negra, dos lábios grossos, da gengiva roxina e dos cabelos crespos. Bauman (2005) compreende que a identidade como sendo a forma como o sujeito se define, algo em que se espelha para se definir, sua forma de se portar e perante à sociedade. Defendendo a ideia de que o sujeito não nasce com uma identidade pré-estabelecida, Bauman (2005) aponta que identidade é algo a ser inventado, construído ao longo da vida.

A identidade negra constituiu-se pouco se inventando e muito copiando do padrão de beleza estabelecido pelos colonizadores. Não adequar-se a esses padrões, mais do que ser violentado pelo racismo no espaço escolar, é não ser enquadrada(o) dentro do padrão. Além disso, influi na dificuldade de pessoas negras para disputar vagas de trabalho, uma vez que são, constantemente, não naturalizadas em atividades consideradas subalternas e questionadas quando ocupam cargos ou exercem atividades de prestígio (PAIM, 2016).

A tentativa constante de modificar fenótipos embranquecendo-se fez um verdadeiro estrago na estima dos afrodescendentes brasileiros na medida em que, num país extremamente miscigenado, hegemonizou como belo quem mais parecido com a branquitude fosse. Soma-se a isso, o desejo constante de não ser identificada com o que, historicamente, significou uma imagem tão negativa. A miscigenação possibilitou que parte da população negra pudesse se aproximar fisicamente da branquitude. Ter a pele mais clara possibilitou uma estratégia de fuga da condição de dominado e de discriminado racialmente (KILOMBA, 2019).

Em seu estudo “Comunicação e identidade pela perspectiva da estética afro”, Gonçalves (2008) constata que, na virada do século XXI a estética é bastante valorizada diante de “um padrão estabelecido” e esse modifica-se constantemente. Sua pesquisa é realizada na cidade de Salvador, uma das cidades mais negras do Brasil; cidade em que os elementos afro⁷ estão na composição estética de um grande número de pessoas no cotidiano “como forma identidade e meio de comunicação da herança africana” (KILOMBA, 2019, p. 34-35).

⁷ O termo “afro” é empregado neste trabalho como uma característica que descreve objetos que remetem a uma africanidade ou que se imaginam serem usados na África, e que legitimem uma africanidade no Brasil (GONÇALVES, 2008, p. 13).

Embora, desde a chegada nos navios negreiros os escravizadores impuseram a cultura europeia forçando o apagamento de costumes da cultura africana, ela se fez resistente e atualmente “uma forte influência ligada às culturas bantu, iorubá e nagô, que se faz presente na religião, na linguagem, nas práticas culturais e na moda interferindo na forma de ser do negro brasileiro” (idem., p. 35). Se, historicamente, negros e negras se sentiram compelidos a esconder a textura natural de seus cabelos, atualmente, o cabelo tido como um símbolo de contestação às formas de marginalização do corpo negro, passa a ganhar mais adeptos quando tomam o cabelo como

um território livre e ancestral, dinâmico e tradicional, situa-se na cabeça. Lugar que revela a pessoa, seu grupo social, história, define a identidade, traduz o sentimento de pertencimento ao grupo” [nesse sentido] “pentear e mostrar os cabelos é comunicar, receber reconhecimento da cultura, manifestar beleza e padrão estético (LODY, 2004. p. 59).

A cabeça é, então, compreendida como um território corporal que possibilita a ocorrência de manifestação da cultura africana. Seja a partir dos diversos tipos de tranças, cortes e penteados, tornam o cabelo crespo um modo de insurgência contra a opressão racial a partir de uma percepção plural do que é considerado bonito. A beleza transcende o que foi definido pelo eurocentrismo.

Pensando nos termos da *identidade negra*, assumir essa identidade é trazer para si “uma identidade renunciada”, ou nas palavras de Silva:

é em primeiro lugar enxergar-se como oprimido; é reconhecer seus sofrimentos, condições de vida, humilhações etc. têm a ver com o racismo, mas, também, identificar-se com os padrões opostos ao da classe dominante, passo fundamental para se reconhecer como parte daqueles que são explorados (idem, 2016, p. 63).

Seria, portanto, deixar de lado o Ideal de Ego⁸ e assumir com orgulho que não existia mais o desejo de se adequar ao padrão do opressor, lhe interessa assumir sua *Negritude*. Esse processo não é nada fácil e é visto por Silva como um posicionamento político onde é feita a escolha de se assumir como pertencendo ao grupo oprimido de uma sociedade de classes.

A partir dessas reflexões, Silva (2015) entende como algo extremamente positivo que,

⁸ Ideal de *Ego* – “é aquele (negro) que nasce e sobrevive imerso a uma ideologia que lhe é imposta pelo branco como um ideal a ser atingido.” In. *Torna-se Negro* de Neusa Santos Souza.

nos dias atuais, negros(as) estejam tomando consciência de sua negritude, ou seja, o uso dos cabelos sem intervenção de químicas de alisamento são um forte indício do orgulho de identificar-se como tal. Nas redes sociais surgiram diversas páginas relacionadas à transição capilar, tendo, como consequências, a volta do *Black Power* à cabeça de negros(as) e o uso de acessórios e roupas que já demarcam o desejo em demonstrar a sua identidade negra.

O cabelo apareceu como um símbolo da identidade racial já nas décadas de 1930, com o *Movimento Rastafari*, entre as décadas de 1960 e 1970, nos Estados Unidos, e na luta antirracista na África do Sul. Os movimentos como *Black Power* e *Black is Beautiful* destacam-se entre os usaram da estética negra como símbolo de orgulho de sua identidade étnico-racial, que também encontra expressão no Movimento Negro Brasileiro. Os cabelos *black powers*, impulsionam mais uma vez as lutas do movimento negro ao trazerem, na segunda década do século XXI, a retomada da pauta da estética negra, dessa vez usando como ferramenta a internet como difusora de conteúdo pautado em desmistificar a visão que o negro é obrigado a fazer sobre si mesmo.

Em “Memórias da Plantação”, Kilomba (2019) examina a atemporalidade do racismo cotidiano demonstrando como isso contribuiu e contribui de forma significativa para que, desde a diáspora, até os dias atuais, as mulheres negras vivam uma relação conflituosa com seus corpos e cabelos. Seguem envoltas ao preconceito que ainda está terrivelmente impregnado na sociedade contemporânea. Em sua pesquisa ela “descreve o racismo cotidiano não apenas como reencarnação do passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada” (KILOMBA, 2019, p. 29).

A combinação histórica de símbolos, valores, convenções e regras configuram os aspectos culturais, sobre o corpo negro de como esses se percebem na sociedade atual. Os valores culturais norteiam a forma como esses indivíduos se relacionam com o meio, entre si, bem como irão adaptam-se a si mesmo. No Brasil,

o racismo difunde os estereótipos negativos sobre os grupos raciais (*cabelo ruim, preto de alma branca, cabelo liso – barriga limpa*) que repercutem em todas as esferas das instituições sociais. Os estereótipos reforçam sentimentos negativos que definem distância social e preferências no cotidiano da sociedade brasileira. Nesse contexto o julgamento racista sobre *boa aparência* persiste nas práticas de recursos humanos influenciando o julgamento e a escolha de candidatos (PAIM, 2016, p. 14).

A partir da discussão sobre os estigmas criados para o cabelo crespo, e a sua

desconstrução, aparecem como pauta de um movimento que se integra ao negro dentro da perspectiva de tirar do imaginário social brasileiro a visão coisificada sobre os corpos negros, que encontram vias de se manifestar a partir dos estereótipos alicerçados e que causam estranhamento à estética negra.

Esse estranhamento, longe de ter apenas um impacto na estima das mulheres negras, permanece sendo justificativa para que mais violência seja cometida contra esses corpos. Mesmo mulheres negras conhecidas nacionalmente sofrem ataques públicos de sua aparência, com frases que estigmatizam seus cabelos e tom de pele, por exemplo.

Figura 2 – Registro dos ataques racistas proferidos contra a jornalista Maria Júlia Coutinho quando da previsão do tempo no Jornal Nacional em 2015



Fonte: Foto extraída do Jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/mp-apreende-provas-por-crimes-de-racismo-contramaju-coutinho-18266923>. Acesso em em 15 jul. 2021.

Esses ataques contra a jornalista Maria Júlia Coutinho⁹ – a Maju – também foram

⁹ <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>

proferidos a outras mulheres negras famosas como a atriz Taís Araújo¹⁰ e a cantora Ludmilla¹¹ nas redes sociais só fazem por reafirmar a necessidade permanente de enfrentamento ao racismo entranhado na sociedade brasileira, é a representatividade de pessoas negras nos espaços de poder e em veículos de comunicação são de extrema importância para que mais pessoas negras tenham exemplos para se nortearem; para que cada vez mais se exalte a negritude empoderando as novas gerações. Para isso há a necessidade da desconstrução dessa visão justifica-se pela necessidade dos “corpos ancorados em representações e simbologias avessas a ordem instituída, refazem suas possibilidades de viver, suportando desqualificações, estratégias de extermínio, ou de coisificação a que são submetidos” (SILVA, 2016, p. 4).

Levando em consideração as especificidades colocadas até aqui no que diz respeito ao que é ser negra numa sociedade que dissimula o racismo que dentre seus principais impactos buscou naturalizar o alisamento capilar como ritual de beleza, a ampliação do Brasil, para que as mulheres negras que já haviam normatizado o uso das químicas de alisamento como um processo de cuidados de beleza com o cabelo. O atual movimento retomada a textura natural dos cabelos é um processo longo permitido a partir da transição capilar, ao ressignificar novas formas de cuidados que livram o cabelo do “tratamento” químico, possibilitou um novo olhar sobre a estética negra e o peso do racismo. E é sobre esse tema que o próximo capítulo busca elucidar.

¹⁰ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/atriz-tais-araujo-e-alvo-de-comentarios-racistas-em-rede-social.html>

¹¹ <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2020/06/18/ludmilla-fala-sobre-ataques-racistas-nao-vou-me-esconder-continuarei-denunciando.ghtml>

CAPÍTULO II – TRANSIÇÃO CAPILAR DE MULHERES NEGRAS: O MOVIMENTO ESTÉTICO QUE É POLÍTICO

Respeita meu Crespo, viu?!
 Respeita meu Crespo
 porque pra mim ele é força, identidade
 É prova de que eu não tô nem aí para essa sua estética, ou pro seu gosto
 Eu não tô nem aí pros seus padrões,
 Não me dobro, não me rendo, sou Filha de guerreira Dandara
 Sou herdeira de Zumbi,
 Olho pro espelho e tudo que vejo é orgulho
 Então respeita meu Crespo
 Porque ele não é cacho, é pixaim, é carapinha, é black power
 Carrega em sua raiz a minha realeza, a minha alteza
 Fortaleza
 Dos jovens que morrem na periferia,
 Das minhas irmãs que limpam o chão desses playboy
 Das babás, dos garis, das cozinheiras, dos pedreiros,
 Dos vencedores, dos cotistas
 Respeita meu Crespo
 Por séculos nos ensinaram a ter vergonha, chamaram de duro,
 tentaram alisar, disciplinar
 Bullying??? Nada! Racismo mesmo, visto que a 300 anos atrás foi feito o mesmo para que meus avós soubessem
 que o servir sem nada receber era tudo que poderiam esperar.
 A cabeça permaneceu em pé, o afro jamais abaixou
 E sabe que hoje, quando passo no Crespo o garfo
 Lá no céu estrelas brilham, e eu sei que são meus ancestrais
 Os verdadeiros heróis dessa terra aqui,
 As grandes rainhas que me olham daquelas estrelas
 E sorriem... Porque não foi em vão.
 Então respeita, viu...
 Diana Dandara¹²

O poema acima, muito além de reconhecer o cabelo crespo como um elemento que compõe a identidade negra, afirma-o como um grande símbolo e sinal de orgulho, não mais de constrangimento por mulheres e homens que deixaram seus cabelos naturais crescerem. No primeiro capítulo, desenvolvi como a identidade de mulheres e homens construiu-se tendo como ideal de imagem a branquitude, que significou para gerações de mulheres rotinas de torturas com instrumentos quentes para alisarem os cabelos crespos. O rompimento com o uso das químicas de alisamento em cabelos crespos aparece atrelado ao rompimento com a visão eurocentrista do papel histórico, social e cultural dos povos negros escravizados em colônias. No poema vemos o reconhecimento da resistência à escravidão na figura de Zumbi, a crítica da visão sobre a mulher negra, que permanece vista como servente, e a denúncia do racismo, “disfarçado” de *Bullying* e que não é debatido em espaços de convívio de forma educativa.

¹² Poesia retirada da página do *Facebook* “Orgulho Black”. Disponível em: <https://www.facebook.com/367583616914263/posts/poesia-preta-respeita-meu-crespo-respeita-meu-crespo-viurespeita-meu-crespoporque/395916990747592/>. Acesso em 10 jan. 2021

O rompimento de mulheres negras com o uso dos cabelos lisos pode se dar sem cortar a parte que permanece alisada e fazer o uso ou não de tranças para ajudar esconder as duas texturas ao longo do comprimento dos fios, ou pode ser feita a opção por cortar ou mesmo raspar a cabeça para deixar o cabelo natural crescer. Qualquer que seja a opção feita, o tempo de crescimento do fio livre das químicas de alisamento é lento e é comum que esse processo seja compartilhado entre as mulheres. Tal processo pode ser percebido como um rito de passagem em que, por meio desse trânsito, a violência racial aparece como uma marca em comum.

Figura 3 – Fases da transição capilar



Fonte: Figura extraída do Blog L'explorateur.

Disponível em: <https://lexplorateurblog.wordpress.com/tag/transicao-capilar/>.

Acesso em 15 jul. 2021.

Nos versos, o abandono da “química” representa, para além de uma transformação estética, a compreensão das relações de opressão sobre os cabelos crespos aos quais as mulheres negras não estão mais dispostas a serem subjugadas. O rompimento com o alisamento capilar é um processo que demanda aguardar pelo menos alguns meses para (re)conhecer o cabelo e que esse processo é vivenciado tendo a pressão estética pelo cabelo comprido e liso por vezes

evidencia o racismo (GOMES, 2017).

Devido aos diversos marcos pelo qual passam as pessoas que realizam a transição capilar e que essa experiência potencialmente transformadora e por isso pensada como um processo ritual. Vejamos.

2.1 A transição capilar como rito de passagem

A relação da transição capilar com a questão racial já foi estudada pela análise antropológica que compreendeu a transição capilar como um processo em que emergem memórias e/ou situações de racismo. Tomando a transição capilar como um rito de passagem, e reconhecendo esse rito como um processo autônomo, Gomes define a transição capilar como “dotada de uma capacidade remodeladora e de reinvenção sobre formas de interação e identificação coletiva e individual” (GOMES, 2017, p. 63).

A transição capilar vista como um ritual é um fenômeno que caracterizado por determinada sequencialidade composta por etapas/fases que marcam um indivíduo ou grupo e propiciam mudanças. A cada fase do processo, o indivíduo experimenta diferentes formas de ser e ver-se (idem, p. 64).

Sua pesquisa abarca a vivência de 7 mulheres negras de Alagoas, Pernambuco e São Paulo, acompanhadas a partir do Facebook e em encontros presenciais. Gomes (2017) assim como suas entrevistadas, tiveram em sua infância, como padrão para programas infantis, apresentadoras loiras que “tinham ajudantes de palco que seguiam o mesmo padrão” (idem, p. 65). Ela usa esse exemplo para demonstrar como desde pequenas, mulheres negras cresceram aprendendo a gostar de um padrão de beleza que não era o seu. Soma-se a isso as violências do cotidiano escolar (GOMES, 2002). Por esses fatores, geralmente é na infância o momento em que se passa pelo primeiro trânsito, o alisamento.

Gomes (2017) caracterizou a transição capilar como um processo ritual em que cada fase do rito é repleta de nuances que perpassam por uma percepção conflituosa com a aparência que passa a ter o cabelo crespo como elemento que compõe sua aparência e sua identidade. O conceito de “ritos” do antropólogo Arnold Van Gennep, apresentado na obra “Os ritos de Passagem”, de 1909, na qual ele afirma que é possível reconhecer as relações sociais estabelecidas entre os homens a partir de uma análise dos ritos por eles praticados. Embora no senso comum os ritos sejam relacionados a eventos religiosos, como batizados e casamentos e a ritos formais como as formaturas, Gennep (1909) traz uma grande contribuição ao compreender como ritos “toda e qualquer mudança” que traga “implicações, ações e reações”

ao demonstrar que “assim como no universo, a vida social também é elaborada por etapas que culminam em passagens, em transformações” (GOMES, 2017, p. 64).

Caracterizando o ser humano como essencialmente ritualista, Van Gennep afirma que alguns ritos são, fundamentalmente, ritos de passagem, ou seja, demarcam momentos de mudanças. A partir de uma metáfora em que a sociedade é compreendida como os cômodos de uma casa por onde circulam pessoas e grupos sociais. Ele identifica três tipos de ritos que possuem fases invariantes que mudam a depender do tipo de transição que o grupo pretende realizar. Os ritos podem simbolizar separação, agregação ou ritos de margem, como o noivado, a gravidez, ou, como percebeu Gomes (2017), a transição capilar.

Conforme Gomes, a primeira etapa do rito da manipulação do cabelo ocorre, geralmente, ainda na infância. Dentre uma das motivações para essa ocorrência, a antropóloga resgata uma memória de sua infância, vejamos:

Na época, na segunda metade dos anos 80 para os anos 90, a apresentadora infantil de TV que mais estava em voga era loira, de cabelos lisos e tinham ajudantes de palco que seguiam o mesmo padrão, o que destoava do meu biótipo. Por trás disso, havia um desejo que também não se alinhava com o que eu era, mas sim com o que era evidenciado na TV (GOMES, 2017, 65).

A lembrança acima evidencia que o principal veículo de divulgação da cultura nacional do período mencionado, a televisão, veicula em sua grade programas que estimulam meninas negras a almejem a aparência de mulheres brancas. “*Brincava colocando vestidos e toalhas na cabeça. Saía pela casa balançando aquilo, fazendo de conta que era dona de longos fios*” (idem).

Esse desejo por fios lisos e longos permanecia mesmo fora das brincadeiras. As mulheres negras foram ensinadas a sentirem-se constrangidas com seus cabelos volumosos e crespos, principalmente quando eles se tornavam o centro das demonstrações de rejeição. O desconforto com o cabelo crespo esteve presente na trajetória de Erô e Paola, vejamos respectivamente em seus relatos.

Ao pensar sobre seu cabelo, Erô inicia seu depoimento dizendo: “Tenho memórias boas, tenho memórias ruins, de bullying¹³ do meu nome, do meu cabelo, daquelas tranças que minha mãe fazia, que ficava todo mundo rindo”. Ao tratar das lembranças ruins, ela se recorda de sua

¹³ Bullying - é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do “comportamento bullying”. (FANTE, 2005, p. 28 - 29 apud SILVA E ROSA, 2013, p.333).

professora do jardim de infância. O tratamento afetuoso dado às crianças negras diferia das crianças brancas e sua memória mais marcante envolve o cabelo. Erô lembra que “até quando [a professora] ia pentear cabelo, penteava o cabelinho das meninhas, deixava o nosso, às vezes nem tirava a “xuxa”, só passava uma água assim (ela passa a mão na frente dos cabelos)”.

Nesse primeiro espaço de socialização que Erô começa a frequentar, ela se sente ridicularizada por alguns colegas que reproduziam a opressão racial arraigada no meio em que estão inseridos antes de pertencer a comunidade escolar. Essas situações reforçaram o sentimento de Erô de que seu cabelo crespo é o culpado por sua rejeição que se confirma quando o cuidado com os cabelos dela e das outras meninas negras de sua sala era realizado com menos esmero pela professora.

Segundo Raquel Carapello (2020), a escola, como vimos anteriormente, para que possa cumprir o papel de contribuir para a construção identitária de seus alunos, precisa ter um corpo docente preparado para lidar com a desconstrução da discriminação racial na comunidade escolar. Para que as escolas possam atuar na desconstrução de tais preconceitos é preciso que o corpo docente, atue

com vistas a possibilitar que os educandos possam conhecer melhor nossas raízes, nossa história e que especialmente os educandos negros possam se reconhecer nessa história e nessa cultura, e valorizá-las podendo identificar-se e perceber-se pertencente à sua ancestralidade, construindo a consciência de sua raça e etnia (CARAPELLO, 2020, p. 173).

Considerando quanto é recente a crítica feita por Carapello da necessidade da formação do quadro docente para melhor atender aos estudantes negros e negras, mesmo tendo passado quase duas décadas da aprovação da Lei 10.639/06, é possível que práticas docentes como a que foi narrada por Erô ainda de reproduzam. Cabe dizer que, mesmo sendo exceção ao que tem sido evidenciado como regra, existem experiências de integração e incentivo às potencialidades das crianças negras. Vejamos o início da trajetória escolar de Paola que é marcada por boas memórias da sua primeira infância. Ela se recorda de ser motivada por suas professoras a participar das atividades.

Na primeira escola, eu lembro que... (pausa) eu era muito feliz na escola. Eu era... Era tudo muito familiar, a vice-diretora era do bairro, é... os programas, que tinham, é... teatro, e tinha (pausa) tinha educação ambiental, tinha horta, tinha... (pausa) dentista, e era tudo tão familiar, um ambiente tão familiar, que eu não lembro de me sentir excluída.

Entretanto, quando muda de escola para dar seguimento aos estudos, encontra uma realidade que não lembra em nada o ambiente acolhedor em que iniciara seus estudos. Nesse espaço as ridicularizações a que foi exposta e que tinham como centro o seu cabelo a fez

perceber que o ambiente escolar não é um ambiente familiar. Foi meu primeiro contato com bullying, com sofrimento de racismo, de diferença entre as pessoas, entre as meninas, a relação de beleza, a relação de tratar as pessoas pela aparência [...] o Jonathan, que me perseguia na escola, puxava meu cabelo, chamava meu cabelo de duro, me chamava de tudo quanto é coisa, eu prendia meu cabelo de todas as formas, puxavam meu cabelo (PAOLA).

Os sentimentos de inferiorização e humilhação que, historicamente, compuseram o processo de escravização, no ambiente escolar encontra-se centrado nos cabelos crespos. Assim, elas construíram uma relação de desgostar de seus cabelos crespos. Foram ensinadas, a partir das manifestações de seus colegas, a almejam os cabelos lisos como uma via de serem menos excluídas. Por isso, costuma ser, ainda na infância, que o alisamento químico passa a ser objeto de desejo das meninas negras. Soma-se a isso, como será visto mais detalhadamente a seguir, a ideia de que o alisamento facilita os cuidados com os cabelos crespos que por vezes partem das mães ou de outras mulheres que são designadas por elas para realizarem esses cuidados. No momento em que é realizado o primeiro alisamento, tem-se a conclusão da primeira etapa desse rito de passagem: *o cabelo alisado*.

Figura 4 – Na tentativa de cuidar dos cabelos “ruins” antes das químicas de alisamento o procedimento era realizado com pente e ferro quente



Fonte: Foto extraída do repositório da UFSC.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/183603>. Acesso em 20 out. 2017.

As químicas de alisamento revolucionaram o alisamento capilar. No início do século XX, Sarah Breedlove entrou para a história como Madame C. J. Walker ao ser “a primeira mulher a ser tornar milionária por conta própria” (ARAÚJO, 2012, p. 122). Após desenvolver o produto, Madame C. J. Walker passou a empregar muitas outras mulheres que trabalhavam em um sistema de pirâmide de venda direta de kits compostos por “pomadas para amaciar,

tônicos para crescer, shampoos vegetais e a famosa chapinha para alisamento” (idem).

Figura 5 – À esquerda estão os produtos que compoñham seu kit de alisamento. À direita uma foto de 1914 da Madame C. J. Walker



Fonte: Foto extraída do *site* Metrópolis.

Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/beleza/produtos-assinados-por-madam-c-j-walker-ainda-sao-vendidos>. Acesso em 15 jul. 2021.

O alisamento capilar, que por muito tempo representou empoderamento para as mulheres negras, foi sendo aperfeiçoado tornando-se mais eficiente com o passar do tempo e passou a ser aplicado, principalmente a partir da adolescência, quando se compreende que as meninas estão em transição da infância para vida adulta (GOMES, 2017).

2.1.1 Os cuidados com os cabelos alisados

Outro fator que contribui bastante para o alisamento dos cabelos na infância está relacionado à crença racista que construiu e perpetua-se historicamente da necessidade do alisamento do cabelo crespo como cuidado para facilitar a lida diária com os cabelos, posto que este “pertence ao mesmo tempo à vida pública e à privada” (QUINTÃO, 2014, p.3). A antropóloga alerta, por exemplo, que, nas embalagens dos produtos destinados aos cuidados com os cabelos crespos, encontram-se expressões como “indisciplinado”, “rebelde”, “indomáveis”, “difíceis de domar” e “tratamento de choque” são facilmente encontradas nos rótulos de produtos capilares em referência aos “problemas” dos cabelos de suas consumidoras” (p. 3).

Crescemos absorvendo o entendimento de que cuidar dos cabelos crespos é submetê-los às químicas de alisamento e cuidar desse cabelo modificado em sua estrutura, realizando manutenção das raízes de forma periódica. Bem como posteriormente fazer uso das linhas de produtos para cabelos quimicamente tratados.

A cultura do alisamento dos fios crespos se propagou na medida que o alisamento era o disseminado como meio para estar apresentável. Tais cuidados são rememorados com a lembrança de dor no couro cabeludo. Sobre isso, Erô compartilha que “no início também minha mãe sempre penteava meu cabelo seco e doía, era maior sufoco, pentear cabelo seco assim”. Os cabelos crespos, quando penteados sem estarem úmidos ou molhados, tornam-se bastante embaraçados, o que provoca dor ao pentear. Além disso, o volume do cabelo aumenta, já que os cachos se desfazem.

Como as químicas de alisamento são bastante agressivas à pele, muitas mães evitam expor suas crianças até a primeira infância, assim, os cabelos que ainda não foram alisados são trançados para disfarçar o volume dos fios. Sobre essa fase Erô se recorda que “teve uma amiga da minha mãe, que ela começou a fazer um monte de trança, nagô, tudo bonitinho, colocava as miçanguinhas na ponta, eu adorava no meu cabelo “ (ERÔ).

A amiga de sua mãe sabia pentear os seus cabelos de um jeito que não a machucava e ainda fazia penteados que a deixavam feliz com sua aparência. Mais que isso, suas miçangas eram um diferencial no espaço escolar, que chamava, positivamente, atenção de seus colegas. Desse modo, o cabelo não era o objeto das ofensas que eram proferidas naquele espaço. Ela se recorda que na “escola, às vezes alguém vinha, ficava pegando a bolinha, tipo, era mais... quando ia com trança até que ninguém falava muita coisa não” (ERÔ).

As tranças também fizeram parte da primeira infância de Paola. Devido a jornada de trabalho bastante intensa, nem sempre sua mãe encontrava tempo para a manutenção dos cabelos. Esses cuidados, normalmente, são realizados por sua tia.

Quando ainda não fazia tratamento químico, minha mãe fazia muita trança no cabelo, às vezes ela não tinha tempo para fazer, essa tia, esposa do meu tio, fazia as tranças. E essa é uma memória muito forte na minha mente. De passar horas e horas sentada, e fazendo a trança. Era parte do meu sábado, para poder levar a semana toda, indo pra escola com aquelas trancinhas no cabelo. E, naquele momento, naquela época, não percebia muita diferença, eu percebia que eu tinha que fazer trança pra poder melhorar o aspecto (...), porque passou a semana toda, a trança já estava com frizz, eu percebia depois que eu tinha que voltar ao salão, mesmo não gostando de ir ao salão, mesmo com sono, de dormir diversas vezes na cadeira de salão (Paola).

Considerando a rotina em que Paola e sua família estão inseridas, assim como ocorre em diversos lares, para que se tome menos tempo possível durante o final de semana, o cabelo

cresto é lavado e tratado com produtos que não modificam sua estrutura. Posteriormente, ainda úmido ele é trançado e preparado para durar a semana que se inicia. Esse rito das tranças marcam tanto a vida de Paola que ela afirma fazer parte dos sábados. Embora fosse um processo cansativo, a rotina semanal de cuidados com o cabelo não eram ainda entendidas como parte de uma opressão racial, mas como parte dos cuidados que são necessários para o cabelo está apresentável.

Nesse sentido, o passo seguinte para os cuidados com o cabelo passa ser o alisamento. Este passa a ser almejado tanto para evitar ser vítima da discriminação que a cultura racista as expõe, como também é pensada como uma etapa “natural” de adequação aos cabelos à idade.

Naqueles, dias, esse processo de alisar o cabelo das mulheres negras com pente quente (inventado por Madame C. J. Waler) não estava associado na minha mente ao esforço de parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca. Estava associado somente ao rito de iniciação de minha condição de mulher. Chegar a esse ponto de poder alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (a qual o cabelo podia estar lindamente penteado e trançado) para ser quase uma mulher. Esse momento de transição era o que eu e minhas irmãs ansiávamos (HOOKS, 2005, p. 1).

No trecho acima, retirado do artigo “Alisando o nosso cabelo”, bell Hooks (2005) escreve sobre suas memórias relacionadas aos cuidados com os cabelos. Embora reconheça

que as mulheres negras com cabelo liso eram percebidas como mais bonitas do que as que tinham cabelo crespo e/ou encaracolado, isso não era abertamente relacionado com a idéia de que as mulheres brancas eram um grupo feminino mais atrativo ou de que seu cabelo liso estabelecia um padrão de beleza que as mulheres negras estavam lutando para colocar em prática (idem, p. 2).

Nas lembranças dos sábados que passava com sua mãe e irmãs em que durante os rituais de embelezamento, os “cheiros de óleo e cabelo queimado misturavam-se com os aromas dos nossos corpos acabados de tomar banho e o perfume do peixe frito” (idem p. 1). Esse momento era entendido como “um lugar de descanso em que não se teria de satisfazer as exigências das crianças ou dos homens. Era a hora em que algumas teriam sossego, meditação e silêncio” (idem, p.2).

Paola, por exemplo, criou um vínculo com a família da responsável designada por sua mãe para cuidar dos seus cabelos. Embora tenha consciência de que foi “conduzida a domar o meu cabelo pra me apresentar em todos os espaços” e do profundo desgaste e incômodo que a ida aos salões a provocava, ela reconhece que a rotina semanal de cuidados, quando passou a ser realizado em um salão do seu bairro

acabou representando uma parte muito importante da minha vida, porque hoje eu tenho uma outra família, aquela família afetiva, que foi feita nesse processo, quando

eu saí do salão e comecei tratar o cabelo em bairro, aqui no meu bairro mesmo, eu comecei a tratar com uma família que me acolheu muito. Que até hoje eu tenho como irmãs, eu tenho as filhas das meninas, da dona... (inaudível) da moça que fazia meu cabelo, que era dona Carmem, ela tem duas filhas mulheres, Elisa e Elisana, eu tenho elas como irmãs até hoje. As filhas delas, são como meus sobrinhos, são sobrinhas mesmo, e até hoje a nossa relação é de irmãs mesmo. acabou representando uma parte muito importante da minha vida, porque hoje eu tenho uma outra família, aquela família afetiva, que foi feita nesse processo, quando eu saí do salão e comecei tratar o cabelo em bairro, aqui no meu bairro mesmo, eu comecei a tratar com uma família que me acolheu muito. Que até hoje eu tenho como irmãs, eu tenho as filhas das meninas, da dona... (inaudível) da moça que fazia meu cabelo, que era dona Carmem, ela tem duas filhas mulheres, Elisa e Elisana, eu tenho elas como irmãs até hoje. As filhas delas, são como meus sobrinhos, são sobrinhas mesmo, e até hoje a nossa relação é de irmãs mesmo (Paola).

Entretanto, essa rotina de cuidados produtora de relações afetivas e que por isso possui “implicações positivas do ritual do alisamento do cabelo ponderavam, mas não alteravam as implicações negativas. Essas existiam concomitantemente” (HOOKS, 2005, p.3). Primeiro, se submeter a uma rotina de tratamento com alisamento químico bem como procedimentos de alisamento térmico com o secador e as chapinhas, que podem provocar ferimentos e queimaduras. Paola recorda-se do quanto era desgastante essa rotina.

Eu lembro muito de tipo... Quanto eu me rejeitava, e postergava, e deixava, e tentava não ir no salão, mas a minha raiz me incomodava muito, porque ficava aquelas duas texturas, eu tentava puxar e prender num rabo, prender num coque, mas já não tava dando jeito, e eu acabava voltando e indo ao salão. Mas eu postergava, tentava jogar pra frente, tentava enrolar, para não voltar ao salão, porque eu não gostava do ambiente, eu não gostava do processo, e eu odiava fazer escova (Paola).

Em segundo lugar, é preciso lembrar que, mesmo com as mulheres negras ressignificando o alisamento como rito de passagem de menina para mulher, o motivo principal está alicerçado no

contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos –, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa auto-estima (HOOCKS, 2005, p. 2).

Paola, por exemplo, relata que

Por muito tempo, meu cabelo foi dor. Eu me lembro de diversas vezes estar na frente do espelho, sem saber o que fazer. Agoniada, tentando puxar, espichar meu cabelo, deixar ele... todo coladinho no cabelo, com muito creme, e... um rabinho assim, sem frizz sem nada, com bastante creme ou um coque assim, sem frizz, sem nada. É... Uma insistência de ter um franjão muito liso, e quando isso não tava dando certo quando o... o... quando eu tava muito tempo sem... sem... alisar, ou sem fazer escova, não ficava do jeito que eu achava apresentável, não ficava bom, e... aquilo me irritava, me fazia chorar, me fazia muito triste, muito infeliz com minha aparência (PAOLA).

A tomada de consciência de que o cabelo liso não fazia parte da identidade que Paola construía despontou a partir da chegada de um salão especializado em cabelo crespo, o Beleza

Natural. Este é “um salão de beleza que não é classificado como étnico, ainda que seja freqüentado majoritariamente por mulheres afrodescendentes” (CRUZ, 2014, p. 2). O Instituto Beleza Natural chegou ao município de Campos dos Goytacazes no ano de 2012, com a inauguração de sua unidade no *Shopping Boulevard*. A rede de salões é a maior do país, segundo a pesquisa etnográfica realizada nos salões do instituto na cidade de São Paulo pela antropóloga Cintia Tâmara Pinto da Cruz (2014).

A rede de salões é fruto “da trajetória pessoal de Heloisa Assis, Zica, quando era empregada doméstica no Rio de Janeiro” e após uma situação de humilhação, devido seu cabelo *black power*, com seus padrões

Zica conseguiu criar um produto, patenteá-lo e abrir seu primeiro salão (1990), assim, nenhuma outra mulher de cabelo crespo passaria pelo que ela passou. Desde então os salões de Zica não pararam de crescer e em 2013 ela foi eleita uma das dez mais importantes mulheres de negócios do Brasil (idem, p. 4).

A fama de Zica em resgatar a estima das mulheres negras por meio de um tratamento capilar que propõe a definição dos cachos, e não o alisamento, foi o primeiro passo que Paola deu para abandonar as químicas de alisamento. Ao procurar o Beleza Natural, ela deu início a mais uma etapa da transição.

Figura 6 - Da esquerda para direita, Leila Velez e Zica Assis, sócio-proprietárias do Instituto Beleza Natural



Fonte: Frame extraído do Youtube.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h21L6c1-rXs>. Acesso em 15 jul. 2021.

Dentre os motivos que levam a esse rito de passagem, além do descrito anteriormente, somava-se a ausência de produtos destinados aos cuidados dos cabelos crespos que prometem não alterar a estrutura dos fios e a narrativa da rotina de cuidados semanais, que envolvia lavar

e trançar os fios crespos para esconder seu volume. O cabelo aparece como elemento por onde essa criança começa a vivenciar suas experiências com o racismo. Após caracterizar as principais motivações para o alisamento, passa-se ao segundo trânsito: *o abandono do uso da química*.

Considerando as etapas do ritual de transição, tem-se início a margem, momento em que os cabelos não são lisos nem crespos. Gomes (2017) alerta sobre os possíveis conflitos que podem surgir. Isso porque o

período de margem é um momento delicado, conflituoso e onde muitas questões emergem no âmbito individual e público; há uma expectativa sobre si e ao mesmo tempo uma insegurança devido o olhar estigmatizador e de reprovação do outro; há também o acúmulo e abundância de novos conhecimentos, produtos e técnicas que vão auxiliar nos cuidados de si, antes tão escassos, como apontados no primeiro trânsito; Há uma incorporação de novos hábitos de consumo como desdobramento de técnicas que resolvem abolir determinadas substâncias nos produtos de cabelo (idem, p. 86).

Para Paola, o acesso ao tratamento do Beleza Natural lhe possibilitou ressignificar o volume dos seus cabelos. Tal processo a permitiu ter acesso a sensações de liberdade e praticidade que os cabelos constantemente escovados não lhe permitia.

Mas depois eu indo pro BN, do Beleza Natural, eu me ligava mais em hidratar, em cuidar das madeixas, para poder talvez usar ele mais solto. E aí eu comecei a usar ele mais solto, até porque a proposta era um volume, era uma... uma coisa mais livre. Que não era tão livre porque eu passava o dia inteiro no Beleza Natural, e gastava um bom dinheiro. Menos, eu acredito, do que na época de alisamento, porque alisamento tinha alisamento e tinha escova. E no alisamento também eu fazia muito “pastelão”. Eu não sei como as pessoas chamam em outros lugares, mas é aquele processo de prender o cabelo todo, parece que você tá careca, com frizo, pra poder dormir, porque aí você mantinha a escova, e segurava a escova por mais tempo. Não podia correr, não podia brincar, não podia tomar banho de piscina, não podia tomar banho de chuva, não podia tomar banho de mangueira, não podia fazer várias coisas pra não perder a escova. E essa liberdade eu já tinha no BN, porque eu podia tomar banho de piscina, de mar, de tudo, porque era só depois lavar de novo o cabelo, passar um creme, e tamo de volta. Só que aí no BN... **No BN é o lugar, que eu não esperava, mas que eu sofri mais racismo e mais problemas com questões do meu cabelo** (Idem, grifo meu).

A descrição de como ter acesso ao tratamento do Beleza Natural, que tem como proposta o volume dos cachos definidos, permitiu a Paola que seu corpo pudesse estar entregue aos momentos que envolviam água. Devido ao novo tratamento, após molhar o cabelo iria adquirir o aspecto cacheado. Antes, se via obrigada a abrir mão de frequentar espaços com água, para preservar a escolha que deixava seus cabelos alinhados.

Entretanto, em sua fala, ela também pondera que passava muito tempo dentro do salão. Paola sentia o limite da liberdade dos seus novos cabelos quando a rotina para os cuidados passou a ser tão desgastante quanto a rotina de alisamento. Dá-se conta, também, de que o

tratamento lhe demandava quase tanto dinheiro quanto o procedimento para alisar, bem como com os demais produtos para a manutenção cotidiana. E mais, no espaço que foi procurado para cuidar de um elemento tão simbólico para sua identidade racial, ela afirma ter vivido experiências de racismo.

Assim como a cor da pele que, como vimos, quanto mais escura mais discriminada, o mesmo se aplica à curvatura e textura dos cabelos das mulheres negras. *Andre Talks*, o cabeleireiro de umas das mulheres mais influentes da mídia mundial, a apresentadora de televisão norte-americana Oprah Winfrey, em seu livro “*Hair*”¹⁴ criou uma classificação considerando as diversas texturas dos fios de cabelo. Segundo Machado (2018) Andre Talks apresenta uma

classificação dos tipos de fios e suas texturas [que] foram separados em quatro categorias - lisos, ondulados, cacheados e crespos, respectivamente tipos 1, 2, 3, e 4 que são classificados dentro da categoria como: 1A, 1B, e 1C, 2A 2B e 2C, 3A 3B e 3C, e também 4A 4B e 4C (MACHADO, 2018, 33).

Figura 7 – Classificação dos fios tendo como critério a curvatura dos fios



Fonte: Foto extraída do site Sueter Azul. Disponível em: <http://www.sueterazul.com.br/2016/04/qual-o-seu-tipo-de-cabelo.html>. Acesso em 15 jul. 2021.

Considerando essa classificação e as descrições de Paola, seu cabelo é do tipo 4C. E, embora a fama do Instituto Beleza Natural tenha crescido em torno da valorização da estética

¹⁴ Cabelo.

negra, o produto desenvolvido por Zica atua para modificar a estrutura do fio, sem alisá-los. O objetivo é abrir os cachos. O Instituto Beleza Natural entrega como produto final um cabelo com cachos que estão no limite do aceitável do que é considerado bonito dentro dos padrões que fomos ensinadas à nos encaixar. Sobre isso, Cruz (2014, p.11) observou que

Para legitimar seu sucesso, o “Beleza” precisa disciplinar suas clientes. Para isso, a utilização dos produtos exclusivos da rede é fundamental para o sucesso do tratamento. As clientes chegam a gastar 30% do salário para conseguir manter a aparência cacheada. Entre tratamento e produtos, elas chegam a gastar R\$150,00 em cada ida ao salão. Segundo elas, todo o dinheiro gasto vale a pena. Quando as clientes não gostam da aplicação do produto, as consultoras orientam que elas voltem no período de 05 dias para realizar um procedimento que elas chamam de retoque, que consiste em uma outra aplicação sem custo adicional para a cliente.

Ou seja, quando mulheres com cabelos de texturas mais crespas não gostam do resultado, a funcionária do Instituto justifica-se dizendo que devido a textura dos fios o resultado esperado será alcançado no retoque e seguindo o cronograma estabelecido pelo Instituto Beleza Negra. Sobre isso Paola recorda-se que

no Beleza Natural, não era diretamente comigo, mas eu já mais entendida, já tava na faculdade, é... Eu via o comentário das meninas que trabalhavam no Beleza, sobre o cabelo, eu sentia uma rejeição, porque meu cabelo era muito... Eu sentia uma rejeição com elas, quando meu cabelo foi crescendo, e eu continuava postergando, era pra fazer de dois em dois meses, eu deixava pra fazer de três meses. Elas queriam que eu fizesse de um e um mês, pra eu não ficar com muita raiz, eu fazia de três meses, de dois meses e meio. Então meu cabelo era... é muito volumoso, e senti uma rejeição delas pra... no processo, porque no Beleza você chega, paga, e aí você vai pro desembaraço né? Você vai desembaraçar e dividir o cabelo. E as meninas desembaraçam seu cabelo, dividem, conforme pede lá, no manual dela, como elas são instruídas, depois você vai pro alisamento, e depois você vai pra lavagem, e depois pro pentear, que elas vão lá passar o creme do jeito delas, do jeito que elas são ensinadas, pra te ensinar, pra você usar daquela forma. Aí... Lá era uma dificuldade, aí eu vi os comentários, eu vi os olhares, a rejeição que elas tinham com meninas com cabelos parecidos com o meu, e comigo também. É... As meninas lá que faziam um tratamento, e... Era um processo doloroso, porque você via, eu via no olhar delas que elas tavam ali, assim, debochando, elas tavam ali fazendo comentários ruins, olhares ruins pros cabelos pra algumas pessoas, muitas vezes a menina que tava desembaraçando o meu cabelo... é... Desembaraçava errado, dividia errado, com preguiça por ser muito cabelo, por ser muito crespo, e aí... Eu desisti do Beleza Natural, eu abandonei e aí eu fui pras tranças. E aí nas tranças o cuidado, a parte do cuidado é tão fácil, mas irrita só lembrar que as pessoas te viam... me viam de trança, e perguntavam: “Como que lava? Mas lava? Como que faz? Dá pra trocar? Até que sua trança é cheirosinha, eu pensei que fedia...” (interpretando o tom de voz dessas pessoas) Meu Deus, é complicado.

Paola pode perceber, com sua experiência no Instituto Beleza Natural, que muito embora carregue em seu nome o “natural”, na prática utiliza um produto que padroniza a diversidade de cabelos cacheados e crespos. Por isso, embora exista um *modus operandi* para as funcionárias de mais de 20 institutos atuarem, no treinamento a elas oferecido não se enfrenta o discurso histórico construído sobre cabelos crespos, na verdade os reforça, como fica

demonstrado pelo relato de Paola.

O terceiro e último momento do rito da transição capilar, o *Big Chop*¹⁵ “simboliza o marco separador entre quem até o momento se é e quem se pode ser” (GOMES, 2017, p. 88). É o momento em que pode-se retirar todos os vestígios de química dos cabelos. Entretanto, essa fase é geradora de conflitos no que diz respeito à forma como esse novo cabelo será aceito em seu ambiente de trabalho, por sua família e seus parceiros amorosos.

Fica explícito em sua pesquisa a manifestação do racismo em cada etapa dos ritos de passagem da transição capilar. O tema passou a ser abordado cada vez mais nos perfis do *Facebook*. Nessa mesma rede, diversas páginas de conteúdo racista, como observou Gomes (2017), orquestram ataques contra mulheres que se orgulham de sua estética.

É na vivência dessa margem que costuma-se compartilhar, com outras mulheres negras, que também encontram-se nessa mesma etapa do processo ritual, as experiências que culminam em desejar o alisamento, bem como as principais motivações para o abandono da química. A vivência da transição suscita repensar os padrões de beleza ao passo que afeta a autoestima, transforma a maneira de cuidar e perceber os cabelos e inflama as discussões no que diz respeito às relações raciais e de gênero no Brasil.

2.2 A transição capilar e as mídias

A comunicadora social Luana Mendes Daltro estudou como a transição capilar realizada por mulheres é abordada na mídia tradicional e no *Facebook*. A comunicadora escolheu o grupo Transição Capilar – cabelos sem química, que na época tinha cerca de 40.718 membros. Buscando compreender como a temática da transição também passou a ser comentada nas mídias tradicionais, particularmente nos jornais Folha de São Paulo, devido ao fato de ser um dos jornais de maior circulação no Brasil, e o jornal Zero Hora, posto que é considerado um jornal de referência no Rio Grande do Sul. Esses são escolhidos por serem compreendidos como jornais de prestígio.

A análise de conteúdo tanto dos grupos do Facebook como dos jornais foi produzida a partir das postagens, comentários e reportagens selecionadas referentes ao período de julho de 2015 a julho de 2016. Antes de analisar como a transição capilar tem sido abordada nas mídias propostas, a autora dedicou-se a ressaltar como se constituiu a trajetória da mulher negra no Brasil, iniciada no século XVI até a atualidade. Considera que quando chegavam ao território

¹⁵ Big Chop é um termo nativo. Sua tradução do inglês para o português significa “grande corte”. É a etapa da transição em que é realizado o corte definitivo de toda a parte com química dos cabelos. (MATTOS, 2017, p. 33).

brasileiro na condição de escravizadas eram compradas tanto para finalidade do trabalho forçado quanto para exercerem funções sexuais, o que levavam os vendedores, europeus, a falar de partes de seus corpos, a fim de despertar interesse para a compra. Assim ela vai demonstrando como é vigente, ainda hoje, um olhar que permanece colocando os corpos negros como “exóticos”.

Outra consideração relevante é a de que é de uma tendência histórica de reprodução desse olhar exótico sobre os corpos negros posto que as

relações de poder estabelecidas pelas instituições e atores sociais estão constituídas no discurso da mídia e são determinadas, de modo geral, pela classe dominante. Entretanto, na cultura da mídia, circulam também novas produções e sentidos acerca das diferentes problemáticas sociais, como no caso da mulher negra, com sua inserção neste ambiente (DALTRO, 2016, p. 38).

Nesse sentido, Daltro utiliza o conceito de poder de Castells que ilustra muito bem a afirmativa acima, vejamos:

O poder é a capacidade relacional que permite a um ator social influenciar assimetricamente as decisões do outro (s) ator (es) social (is) de formas que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que detém o poder. O poder é exercido por meio de coerção (ou a possibilidade de coerção) e/ou pela construção de significados com base em discursos por meio dos quais os atores sociais orientam suas ações (CASTELLS, 2015, p. 57 *apud* DALTRO, 2016, p. 38).

O que ocorre é que nem sempre os atores sociais “se sentem contemplados nas pautas dos que detém o poder, e assim buscam uma nova configuração política para contrapor a ordem estabelecida” (DALTRO, 2016). Nesse sentido, é fundamental demarcar que a popularização da “internet possibilitou uma nova ordem social, econômica e política nas relações de poder e contrapoder” (ibid., p. 48).

Diante da hegemonia de propagandas e conteúdos produzidos para cabelos quimicamente alisados, não é exagero afirmar que a possibilidade de produzir e divulgar conteúdos sobre cuidados com cabelos crespos e cacheados a partir das redes sociais, foi fundamental para que mulheres negras pudessem realizar a transição capilar como veremos no mais adiante nos trabalhos de Matos (2016; 2017). Isso porque “as novas tecnologias da informação integraram o mundo em redes, o que possibilitou a ampla criação de comunidades virtuais, as quais são estruturadas por objetivos comuns e a comunicação entre os indivíduos torna-se o enredo” (DALTRO, 2016, p. 48) e possibilitou uma disputa de poder com o discurso hegemônico .

O “poder simbólico que os jornais desempenham nas construções dos acontecimentos da sociedade, corroborando com a visão de valores sociais na população”, bem como que a

“informação possui função política e social na mídia, organizada mediante relações de poder” que historicamente induziram as mulheres negras a embranquecer-se para serem “assimiladas” socialmente, contribuíram significativamente para a manutenção da secular coisificação das mulheres negras (ibid., p. 46). É inegável que secular é também a luta das mulheres negras, principalmente as que conseguiram transmitir as suas descendentes seu patrimônio cultural, processos fundamentais que passam a ter maior (re)conhecimento a partir das mídias contra hegemônicas.

A autora analisa os conteúdos levantados em 21 artigos dos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora tendo como cerne transição capilar de onde “emergiram os seguintes temas: empoderamento, racismo, moda, liberdade e cuidados”, cabendo destacar que “empoderamento foi a mais abordada em ambos os jornais, demonstrando o posicionamento que as mulheres negras estão construindo a partir do cabelo natural”, como um símbolo de sua liberdade que passa a enaltecer sua identidade, (ibid. p. 58- 59).

A análise de conteúdo dos grupos do *Facebook*, já mencionados anteriormente, foi realizada a partir do levantamento em 114 postagens realizadas no período proposto pela autora. Destacaram-se os seguintes termos: incentivo, cuidados, referência, pós-BC, antes e depois, aceitação e liberdade. Constatou-se que nas páginas, o termo incentivo foi o mais recorrente, geralmente fazendo parte das legendas de fotos de mulheres em transição ou daquelas que já a realizaram. São postagens que visam minimizar as desistências de quem está sofrendo com a transição, bem como de encorajar quem ainda está em dúvida mediante a vontade de realizar a transição.

O incentivo, que despontou como um dos temas mais presentes nos depoimentos, reverberou em outros sub-tema. O sub-tema “seguimos”, esteve associado à incentivo nas postagens estavam presentes etapas da transição para culminar nos fios naturais; “cuidados”, é o sub-tema que esteve associado a dicas de penteados que disfarçam as duas texturas do cabelo; o sub-tema “referência”, são postagens “com o uso de imagens de mulheres negras consideradas como referência e inspiração para quem está passando pela transição”; e “relato”, é o sub-tema presente nas postagens em que as integrantes dos grupos dividem suas vivências a respeito do cabelo.

Por fim, Daltro constatou que “os jornais de referência, de algum modo, precisam explicar o destaque dado ao tema, que é tratado ainda como uma tendência de estilo” e que é crescente a “abordagem sobre o cabelo natural com imagens de mulheres negras com cabelo crespo”. Já nos do *Facebook*, emergiram temas que englobam também esse processo, como racismo, a baixa autoestima, o padrão do liso, a liberdade capilar.

2.3 A transição capilar e o ciberespaço

Com o surgimento da rede mundial de computadores, Internet, passamos a nos interconectar de outro modo, essa rede baseada em informações, tem como característica a flexibilidade, adaptabilidade e interatividade, podendo ser acessada em todo mundo, basta haver um ponto de conexão à internet, sendo adaptada pelas diferentes realidades (MATOS, 2016, p. 42).

A transição capilar e conflitos de raça e gênero no Brasil, também são investigados nos estudos etnográficos do Ciberespaço realizado por Lídia Oliveira Matos (2016). Seu trabalho tem como cerne compreender “as informações acerca de cuidados, técnicas e produtos destinados aos cabelos crespos/cacheados são produzidas e circulam, buscando perceber como através delas são significados e ressignificados raça e gênero” (ibid., p. 9).

Sua pesquisa de mestrado analisa dois canais da plataforma YouTube, o de “Rayza Nicacio, por este ser o maior canal do Brasil em número de inscritos a postar conteúdos voltados para os cabelos em transição” e o “segundo canal escolhido foi o de Mari Morena, que possui mais de 277 mil inscritos” (ibid., p.22). É desse segundo canal que Matos transcreve um vídeo intitulado “Porque que não alisar ou relaxar o cabelo” para iniciar sua análise sobre os aspectos da transição capilar no ciberespaço.

A transcrição do conteúdo do vídeo aparece como um recurso didático que possibilita Matos elencar os diversos conflitos que estão contidos em alisar os cabelos, bem como romper com o alisamento. Quando Mari Morena inicia o vídeo, ela já alerta que não será um tema fácil de ser abordado, posto que, a partir da interrupção da química de alisamento surge uma polêmica sobre deixar de adequar-se a um padrão de beleza, tal abandono se apresenta como uma necessidade perante à saúde das mulheres que são exposta ao formol, por exemplo, para realizar o alisamento e pela saúde dos fios, que com o passar do tempo são danificados pelas químicas. E por fim, como analisou Matos, ela traz a percepção de que o

crescimento capilar e a versatilidade dos cabelos sem química também são enfatizados, ao passo que ela mostra que os cabelos longos e lisos estariam relacionados ao padrão de beleza imposto e esse processo de transição capilar revelaria a diversidade nos tipos de cabelos, que estaria sendo apagada pelos processos de alisamento (ibid., p. 18).

Outra preocupação central presente no vídeo é desmistificar que os cuidados com os “cabelos naturais” são mais trabalhosos que com os cabelos lisos, sendo esse um argumento recorrente para aderir à química. Reconheceu-se, então, a importância da produção desse tipo

de conteúdo, com o objetivo de motivar o “uso do cabelo natural” (ibid., p. 19). O vídeo demonstra que até aquele momento, 24 de junho de 2014, quando foi postado, “as informações acerca de cuidados [com os “cabelos naturais”] eram escassas, não havendo espaço na mídia e interesse das empresas de cosméticos pelos cuidados com os cabelos que não fosse o alisamento” (ibid.).

Nesse contexto, a internet é compreendida como determinante para que a transição capilar seja divulgada. A partir dela as informações de como cuidar de cabelos crespos e cacheados, sem uso de químicas de relaxamento e alisamento, alcançou um maior número de pessoas. Ao passo em que os conteúdos relacionados com o cabelo são divulgados, ele aproxima pessoas que passam a questionar “como esse [padrão de beleza] teria surgido e porque haveria discriminado quais seria os cabelos e os traços físicos considerados bonitos e desejáveis, desprezando os outros” (ibid.). E encontraram como resposta o racismo, vejamos:

as mulheres relembram o descontentamento e a baixa autoestima na infância e adolescência, até que fosse feito a primeira química capilar. Muitas relatam os longos anos que usaram essas técnicas para se adaptar a exigências de padrões de beleza impostos e como essa tentativa sempre é falha e incômoda, até certo momento em que alguma motivação (pelos mais diversos motivos) as levam a passar pela transição capilar e a cuidar desse cabelo que possui uma estrutura espiralada (ibid., p. 37).

Os conteúdos produzidos sobre transição capilar em canais do *YouTube* e redes sociais como o *Facebook* levam as seguidoras a perceber o movimento estético que acaba ganhando um cunho político. Nas

mídias sociais como Youtube, Facebook, Blogs e Sites, elas [mulheres negras] compartilham suas experiências e técnicas de como suavizar as fortes diferenças entre as texturas capilares. Nessas mídias, são formadas redes de solidariedade e apoio mútuo, onde as jovens que ainda passam pelo processo são apoiadas e encorajadas a não desistirem, além disso, receitas, produtos e técnicas são trocados (ibid., p. 845).

Nessa convivência, seja nas redes ou nos encontros presenciais que vão marcados em espaços, as narrativas convergem para o cabelo como alvo das vivências do racismo. Nesses espaços, a partir do cabelo emergem uma série de debates a cerca que irão levantar temas como “aceitação da estética africana, preconceito racial, feminismo negro, essa é uma das estratégias do ativismo de cabelo” (ibid., p. 852).

O termo “ativismo de cabelo” foi apresentado como um relevante conceito nativo presente em blogs e outras redes. Tal termo é usado por mulheres que já realizaram ou estão realizando a transição e que a partir do cabelo passam a “discutir e chamar atenção para como as relações étnico raciais se dão no Brasil” (ibidem). As vozes que emanam do ativismo de cabelo defendem que ninguém deve se sujeitar a procedimentos estéticos para encaixar-se em

padrões de beleza irreais.

Em um artigo publicado em 2016, intitulado “Transição Capilar como movimento estético e político”, Matos (2016) abordou outros conceitos nativos que fazem parte do debate sobre a transição capilar, são eles: “cabelo natural”, “cabelo crespo”, “cabelo cacheado”, “cabelo afro”. Vejamos o que ela discorre sobre eles:

O primeiro refere-se a um suposto estado de natureza, por ser o cabelo que nasce sem utilização de química de transformação da estrutura do fio, mas esse cabelo é cuidado com vários tipos de cremes e produtos, industrializados ou não, formas de texturizá-los que de alguma forma modifica a sua aparência, mesmo que os efeitos obtidos não durem tanto tempo como no caso do uso das químicas de transformação. O segundo e terceiro termos estão relacionados à aparência do cabelo, ondulado, espiralado ou encrespado, mas esses termos também denotam uma disputa, onde **os cabelos crespos seriam os mais próximos dos africanos, então quem os possui teriam mais legitimidade ao se assumirem como negros**¹⁶, já que as possuidoras do cabelo cacheado não seriam alvo de tanto preconceito por conta desse formato está mais próximo do cabelo que é considerado como “bom”. Já o termo “cabelo afro” é mais englobante, reunindo os vários tipos de cabelos que as pessoas que tem herança negra em sua carga genética podem possuir (ibid., p. 846-847).

O extrato menciona questões importantes de serem aqui pontuadas. O primeiro ponto a se destacar, é que a partir da transição capilar as mulheres negras estão “usando a questão estética para discutir as relações étnicos-raciais” (ibid., p. 847). A legitimidade de quem pode se assumir enquanto negra é o segundo ponto que merece uma reflexão. A partir do trecho destacado em negrito é possível estabelecer um paralelo com o colorismo. Tainam Silva no artigo “O colorismo e suas bases históricas discriminatórias” (2017), busca compreender, historicamente, como foi construída a cultura discriminatória e como se expressa na atualidade. Nesse sentido ela afirma que o colorismo

surge como um tipo de discriminação baseado na cor da pele onde quanto mais escura a tonalidade da pele de uma pessoa, maior as chances de ela sofrer exclusão em sociedade. Também denominado de pigmentocracia, o colorismo tende a elaborar e definir alguém pela própria cor da pele, é dizer, a tonalidade da cor da pele será fundamental para o tratamento que receberá pela sociedade, independentemente de sua origem social (ibid., p. 3).

Assim, as pessoas de pele mais escuras serão aquelas que enfrentam mais preconceito racial. No contexto da transição capilar, os fios crespos são aqueles que são os maiores alvos de adjetivos preconceituosos. É ao assumir as texturas naturais dos cabelos crespos em uma sociedade que direciona seu tratamento a partir de um *negrômetro*¹⁷.

Para que possamos compreender melhor como a interpretação desse *negrômetro* afeta

¹⁶ Grifo meu.

¹⁷ Termo nativo do movimento negro. Refere-se a um medidor imaginário de quem é mais negro e, portanto, além de ter maior autonomia para falar enquanto negro, também apresenta maior vulnerabilidade à opressão racial.

a vida de pessoas negras, é necessário lançar mão de um conceito central no pensamento Goffman, o de *definição de situação*. Segundo o antropólogo Edison Gastaldo o termo foi empregado por William Thomas em um artigo de 1923. A definição de situação diz respeito ao

processo a partir do qual se atribui um sentido ao contexto vivido, da resposta que cada pessoa dá à seguinte pergunta: o que está acontecendo aqui, agora? Ela é central, portanto, para se compreender o modo como as pessoas orientam suas ações na vida cotidiana (GASTALDO, 2008, p. 150).

Na obra “A representação do eu na vida cotidiana”, Goffman (1975) utiliza de uma perspectiva teatral para desenvolver sua análise sobre as relações sociais que ocorrem num determinado espaço. Metaforizando com os elementos que compõem a cena teatral, o primeiro elemento que Goffman analisa é a fachada, tomando-a como “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a representação” (GOFFMAN, 1975, p. 29). Posto isso, apresenta o termo “fachada pessoal”, referente ao “equipamento expressivo” que segue esse ator “onde quer que vá”. Dentre os equipamentos expressivos elencados pelo autor com idade, vestuário, sexo, altura, bem como as características raciais, por exemplo, é justamente esse último equipamento expressivo que interessa a reflexão para seguirmos adiante. Sobre eles Goffman destaca que, “são relativamente fixos e, dentro de um espaço tempo, não variam de uma situação para outra” (ibid., p. 31).

As relações de poder não são neutras nesse processo de definir a situação, posto que “na medida em que algumas definições da situação são mais legítimas do que outras, e essa legitimidade é a resultante de quem tem o poder de propor e sustentar a definição” (GASTALDO, 2008, p. 150). Tomemos como exemplo o extrato do artigo “As políticas da apresentação: Goffman e as instituições totais” do sociólogo americano Howard Becker que ilustra essa afirmativa.

Consideremos o caso da maconha. As pessoas que a usam têm uma linguagem para se referir a ela. Elas falam em “viajar”, e têm muitos sinônimos para maconha, referindo-se a ela, por exemplo, como “marofá”. [...] Outras pessoas, cujos mundos também incluem a maconha – médicos, advogados, policiais – terão outras palavras para as mesmas coisas, talvez falando de “adição”, “cannabis”, e “traficantes”. [...] **O modo pelo qual as coisas são chamadas quase sempre reflete relações de poder. As pessoas no poder chamam as coisas do que quiserem, e as outras têm que se ajustar a isso, talvez usando suas próprias palavras em privado, mas aceitando aquilo de que não podem escapar**¹⁸ (BECKER, 2004, p. 102 *apud* GASTALDO, 2008, p. 150).

No caso da transição capilar, as mulheres negras que as realizam são definidas pelo mercado como consumidoras para o qual torna-se viável produzir linhas de produtos com a

¹⁸ Grifo meu.

especificidade de ser para cabelos em transição (figura da linha bomba da salon line) ou cabelos cacheados e crespos; por estudos acadêmicos e movimentos sociais, principalmente o negro, são definidas como protagonistas de um ato político de enfrentamento a um padrão de beleza eurocentrista; e para grupos sociais alheios à transição capilar, são definidas como pessoas que estão a aderir a uma moda como outra qualquer.

O trecho destacado na citação de Becker é fundamental para ilustrar sobre as relações de poder. No caso de analisarmos as percepções que são dadas aos corpos negros, encontramos definições de situação que parecem compreender como menos brutal o trato de violência aos corpos negros. Se mesmo adotando o uso da química para alisar os cabelos as mulheres negras são, corriqueiramente, associadas a ocupantes de profissões braçais ou de condição subalterna, tal prática se intensifica ao assumir a textura natural do cabelo. Na obra “O genocídio do negro brasileiro” publicada em 1978, Abdias do Nascimento afirma que “a realidade dos afro-brasileiros é aquela de suportar uma tão efetiva discriminação que, mesmo onde constituem a maioria da população, existem como minoria econômica, cultural e nos negócios políticos” (idem, 2016, p, 98). Passadas quatro décadas, o pensamento de Abdias permanece atual. A perspectiva histórico-crítica decolonial, pauta central do movimento negro, ganhou espaço nos debates em torno da transição capilar. Nilma Lino Gomes (2017) em “O movimento negro educador: saberesconstruídos nas lutas por emancipação” afirma que o movimento negro é o

movimento social que fez e faz a tradução intelectual das teorias e interpretações críticas realizadas sobre a temática racial no campo acadêmico para a população negra e pobre fora da universidade, que articula, com intelectuais comprometidos com a superação do racismo (GOMES, 2017, p. 17).

As crenças racistas que estruturam o contexto das interações entre as pessoas e que permanecem exercendo forte influência na vida das mulheres negras, passaram a ser confrontadas, também, pela forma como o cabelo natural das mulheres negras é apresentado nos espaços públicos.

Por fim, cabe ressaltar que partir da transição capilar, ampliou-se as críticas sobre o antiquado e racista padrão de beleza relacionado com o processo histórico da formação do Brasil, cabe sempre ressaltar, uma história alicerçada na exploração de diversos povos oriundos do continente africano e que mesmo passado 13 décadas da abolição, os movimentos de resistência permanecem indispensável em nossa sociedade.

CAPÍTULO III – ARQUITETURA METODOLÓGICA: PERCURSOS E USOS DA ETNOGRAFIA NA EDUCAÇÃO

Falar de mulheres negras é falar de interseccionalidade. Sobre nossos corpos pesa o preconceito de gênero e cor. Além disso, quanto mais crespo é o nosso cabelo, maior é nossa dificuldade de aceitação nas redes de amigos(as), na vida amorosa e nos espaços de trabalho. É sobre isso que as histórias de vida de Paola e Erô nos permitirá refletir.

3.1 A história de vida de Erô e Paola

Ain't got no home, ain't got no shoes
Ain't got no money, ain't got no class
Ain't got no skirts, ain't got no sweaters
Ain't got no perfume, ain't got no love
Ain't got no faith¹⁹
(Nina Simone).

A cantora Nina Simone (1933 - 2003) demonstrou, ao longo de sua carreira, ter consciência de sua raça e classe. Como intérprete do *single* “Ain't go no”²⁰, uma canção de resistência, a cantora traduziu, com a sua musicalidade e potente voz, como é ser mulher e negra. A canção é um desabafo sobre a exclusão social, sobre a pobreza fruto de uma sociedade de passado escravocrata ao qual os povos africanos foram subjugados tendo como justificativa sua cor. E também, para o próprio corpo que se encontra a resiliência necessária para se reencontrar e se orgulhar.

Ao ouvir as histórias de vida da pesquisa, senti em cada embargo promovido pelo entristecimento da opressão vivida, mulheres que conseguiram ressignificar sua relação com seus cabelos e, por conseguinte, com seus corpos. Por inúmeras vezes, a cada pausa, a cada mudança de tom de voz, ficava subentendido o sentimento de dor vivenciado ao não encontrar nas pessoas próximas o acolhimento que precisavam diante do desafio de (re)construir suas identidades, necessidade que se intensifica a partir do início da transição capilar.

O cuidado com a apresentação dos cabelos, um elemento central para a constituição da identidade racial, apresenta-se logo na infância como uma preocupação posto que, a forma de lidar com cada momento em que a textura do cabelo se encontra acaba por definir o tratamento

¹⁹ “Não tenho casa, não tenho sapatos/ Não tenho dinheiro, não tenho classe/ Não tenho saias, não tenho casacos/ Não tenho perfume, não tenho amor/ Não tenho fé.” (tradução nossa).

²⁰ Intérprete: Nina Simone; compositores: Galt MacDermot / Jerome Ragni / James Rado; letra de *Ain't Got No - I Got Life* © Sony/ATV; Music Publishing LLC, BMG Rights Management, Royalty Network

dado em espaços públicos e privados em que às mulheres que contribuíram para pesquisa tiveram que frequentar. A forma como esses momentos as marcaram foi tratada sob a luz da potência dos versos da canção entoada por Nina Simone.

Considerando que em cada etapa de suas vidas, seus cabelos tiveram texturas diferentes, o conceito de definição de situação de Goffman (1987) norteará a análise de como Paola e Erô vivenciaram socialmente a experiência de serem alisadas e crespas.

3.2 “Ain't got no culture”

Ain't got no culture
Ain't got no mother, ain't got no father
Ain't got no brother, ain't got no children
Ain't got no aunts, ain't got no uncles
Ain't got no love, ain't got no mind²¹

Compreendendo a cultura como um conjunto de saberes que são transmitidos de geração em geração e que uma sociedade pode receber a influência de diversas culturas, como é o caso do Brasil que se constitui como um país de população fortemente miscigenada, que no pós-abolição tentou ser apagada pela elite branca brasileira (NASCIMENTO, 2016).

Monstruosa máquina ironicamente designada “democracia racial” que só concede aos negros um único “privilégio”: aquele de se tornarem brancos, por dentro e por fora. A palavra-senha desse imperialismo da brancura, e do capitalismo que lhe é inerente, responde a apelidos bastardos como assimilação, aculturação; mas sabemos que embaixo da superfície teórica permanece intocada a crença na inferioridade do africano e dos seus descendentes (ibid., p. 111).

Os valores culturais da branquitude conseguiram se perpetuar nas últimas 13 décadas, o “racismo à brasileira”²² disfarçado de democracia racial difundiu-se “profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país” (idem.).

Além dos órgãos de poder - o governo, as leis, o capital, as forças armadas, a polícia - as classes dominantes brancas têm à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas - a imprensa, o rádio, a televisão - a produção literária. Todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa e como criador e condutor de uma cultura própria (ibid.,

²¹ “Não tenho cultura/ Não tenho mãe, não tenho pai/ Não tenho irmão, não tenho filhos/ Não tenho tias, não tenho tios/ Não tenho amor, não tenho importância” (tradução nossa).

²² Devemos compreender “democracia racial” como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. (NASCIMENTO, 2016, p. 111)

p. 112).

Nesse sentido, os versos da epígrafe, longe de insinuar um abandono da família ou algo do tipo, aqui aparecem para ilustrar um núcleo familiar que ensinado a ter a branquitude como ideal, prestou-se a ser

o primeiro lugar onde a ação constituinte do ideal de ego se desenrola. É aí onde se cuida de arar o caminho a ser percorrido, antes mesmo que o negro, ainda não sujeito, a não ser ao desejo do Outro, construa o seu projeto de chegar lá (SOUZA, 1984, p. 36).

Esse lá, é a ascensão social que todos os pais da periferia desejam para seus filhos. Paola e Erolima cresceram em núcleos familiares em que a reprodução do racismo estrutural, bem como do mito da democracia racial encontravam-se profundamente arraigados, e nesse sentido, ao buscarem o melhor para seus filhos e encontram em esconder a textura dos cabelos para deixarem suas filhas mais próximas do que aprenderam que era o apresentável para percorrer o percurso rumo à ascensão social.

A seguir, na narrativa de Paola, ela apresenta sua mãe como uma trabalhadora, que sofreu racismo, nada velado, dentro do próprio núcleo familiar, fator que parece catalisar a preocupação com a boa aparência de sua filha.

Me entendo como uma das poucas negras na minha família, por parte materna, minha mãe é a única filha negra, retinta, negra de fenótipos, da minha avó que é branca, filha de português. Minha família por parte de pai é uma família completamente negra, mas não é a família que eu tenho mais proximidade, desde a separação. E até mesmo antes da separação, a gente sempre teve um vínculo próximo, mas minha proximidade, no Natal por exemplo, as minhas relações familiares é muito mais próximo da família materna, a família da minha mãe. E aí minha mãe é a primeira negra de fenótipos negros, de traços negros, e desde a minha mãe ela já sofria com a avó dela, minha bisavó, que ela conta que a excluía, não gostava muito da presença dela no ambiente familiar, por ela, minha mãe ser negra, fora do casamento da minha avó. Mas desde o princípio eu não entendia, na minha infância eu acho que não entendia, a relação com meu cabelo, com a minha dificuldade com meu cabelo, e não percebia muito as questões que envolviam o cabelo, que envolviam a textura e a qualidade do meu cabelo. Primeiro porque minha mãe desde muito cedo, prendia meu cabelo com tranças. Segundo, que depois ela já adotou para facilitar né a vida dela, como mulher negra trabalhadora, ela adotou também o tratamento químico, tanto pra ela, quanto pra mim. Então eu só percebia a diferença do meu cabelo, mais tarde eu acho, eu acho que só fui perceber tudo isso um pouco mais tarde, né. É... Eu sabia que não me agradava do meu cabelo, assim, porque eu tinha que voltar diversas vezes ao salão, eu tinha que ir para a casa da esposa de um tio meu, fazer tranças. Quando ainda não fazia tratamento químico, minha mãe fazia muita trança no cabelo, às vezes ela não tinha tempo para fazer, essa tia, esposa do meu tio, fazia as tranças. [...] (SANTOSb, Paola, informação verbal)

[...] Antes do alisamento, minha mãe fazia hidratação, ela sempre fazia hidratação e muita trança, vivia trançada... Várias trancinhas, ou uns amarradinhos assim com umas tranças do lado, cachinhos... E, aí depois ela começou a soltar os cachos, foi quando eu comecei a soltar mais o cabelo... Porque aí o cacho...

G: "Soltar os cachos" era o alisamento?

E: Era o alisamento... Aí eu adorava, porque né? Abaixava a raiz, e aí deu pra... enfim soltar os cabelos...

Era semanal. Toda sexta-feira ou sábado, a gente tinha que lavar, hidratar e passar

(SANTOS, Erô, informação verbal).

É notória a preocupação das mães com a aparência dos cabelos, para que Paola e Erolima sempre se apresentassem muito bem asseadas para não criar motivos para nem na família, nem nas pessoas presentes nos demais espaços de convívio que ela frequentasse, tivessem margem para falar de sua aparência.

Entre os elementos que irão constituir a identidade de ambas, dentro de um núcleo familiar, Paola e Erô, à priori não reconhecem ser na exaltação da sua negritude estar os elementos que irão constituir positivamente suas identidades. As diversas experiências no decorrer da transição capilar contribuíram para as reflexões e ressignificações a respeito de sua autoimagem.

3.2.1 – *Definindo situação*

O sociólogo Goffman utiliza a linguagem teatral para tratar das interações sociais em um determinado espaço (escola, igreja, retiros), e pressupõe que uma interação influencia de forma recíproca os indivíduos em contato. Nesse sentido, a fachada é entendida aqui como um elemento expressivo que tem a aparência como determinante para que a interação seja estabelecida em conformidade com a definição prévia de papéis e hierarquias que se darão em cada encontro. “A representação de um indivíduo numa região de fachada pode ser vista como um esforço para dar a aparência de que sua atividade nessa região mantém e incorpora certos padrões” (GOFFMAN, 1981, p. 102). O espaço da igreja tornou-se, assim como a escola, fruto da preocupação com a boa aparência da filha.

Eu encontrava minha mãe quando acordava, me arrumava pra ir pra escola, e depois, só onze horas da noite. Ah... (pausa) Meu pai, mesma coisa, eu acordava ela já não tava em casa, quando chegava da escola, ele ainda não tinha chegado. Aí ele chegava mais tarde, cansado, a nossa relação era muito com a... (pausa) de assistir TV junto, e, aí na adolescência, minha vida se resumia a estudar e frequentar ambiente religioso, né? E aí eu acho que nesse momento, eu percebo a diferença, e um... (pausa) entrave ou a dificuldade que meu cabelo poderia me dar. Porque ali, assim na praticidade de ir pra uma piscina, minha mãe sempre fez muita questão de me mandar pro salão. De me mandar o salão para fazer o cabelo, porque eu ia viajar com a Igreja, e é retiro, e é qualquer coisa, ela queria que eu fosse bonita. Uma das minhas memórias bem marcantes assim que tipo assim... (pausa) primeira vez na Escola Agrícola, que era a escola de ensino fundamental, minha mãe fez questão de alisar meu cabelo, fazer escova, para eu chegasse “apresentável”. Entre muitas aspas, na visão dela, né. Então todos os anos eu sabia que além do meu material escolar, antes de ir pra escola, eu, num primeiro dia, eu iria pro salão, e ia escovar o cabelo, e o cabelo ia estar impecável. Isso se repetiu durante todos os anos de escola, de ensino fundamental e ensino médio. Na alfabetização, na outra escola, eu ia de trancinha, eu ia de trancinha pro balé, eu ia de trancinha em tudo. E depois, é... era escova. E assim, minha mãe sempre fez questão. E essa relação religiosa, também me fez perceber o cabelo porque tipo...

eram muitas meninas (pausa) brancas, de cabelo liso, e as que não tavam de cabelo liso, estavam de cabelo alisado. (SANTOSb, Paola, informação verbal).

Para que Paola pudesse frequentar certos espaços sociais, ir ao salão aparece quase como um pré-requisito para ser tratada de forma respeitável por seus colegas e responsáveis daquela comunidade. Conforme Paola vai ampliando a territorialidade dos espaços em que frequenta, a preocupação com os cabelos intensifica-se depois que ela vai estudar fora de seu bairro, após conseguir uma bolsa de estudos em uma escola na área central do município. Ingressar nessa escola foi o marco inicial do alisamento químico, por volta de seus sete/oito anos de idade. Vejamos seu relato.

E aí, quando eu começo as apresentações de teatro, de balé, as apresentações de fanfarra²³, começo a sair mais do meu bairro, sair da minha escola, pra apresentações, aí começo a tratar o cabelo quimicamente. Minha mãe começa a tratar meu cabelo quimicamente. E era química escova, minha mãe nunca gostou que eu fosse só fazer a química. Era a química e escova. Era o alisamento, e a escova piastra²⁴. Eu comecei também a fazer, apresentações e frequentar a escola Laura Vicuña, que tinha muita apresentação religiosa, e eu como me destacava, eles sempre me levavam pra... (pausa) Acredito que por ser uma menina negra, que falava bem, que tinha uma boa oratória, pra apresentar esse modelo que talvez não tinha na escola, e como a escola fazia projetos sociais aqui, e como muitas das professoras, que eram da escola de lá, muitas não, 3 ou 4, e aí também faziam projetos sociais aqui. Projetos que acontecem até hoje, que acontece hoje fora da escola, tem uma capelinha onde hoje eles fazem o mesmo projeto social, mas fazem na capelinha, não na escola. E aí, eu circulava nesse meio, circulava no meio da academia de balé, da professora Marta. Que parou de dar aula, no projeto de balé, as aulas de balé saíram da escola, né? Foi retirado o balé da escola, então ela convidou a gente a frequentar a academia de balé dela, então quando eu começo a sair do universo do meu bairro, da minha escola, eu também começo a fazer esse processo químico no cabelo. Pra poder frequentar esses ambientes, pra poder o quepe da boina entrar melhor, porque não entrava muito bem com a trança. Pra poder ficar melhor no coque, do balé, pra ficar melhor nas apresentações de teatro (SANTOSb, Paola, informação verbal).

Paola demonstra ter consciência dessa demanda de cuidados com o cabelo como uma necessidade mediante a forma como era vista pela comunidade escolar. Tomemos como ponto de reflexão e seguinte trecho a de narrativa de Paola: “Acredito que por ser uma menina negra, que falava bem, que tinha uma boa oratória, pra apresentar esse modelo que talvez não tinha na escola, e como a escola fazia projetos sociais aqui”, será que se o alisamento do cabelo não fosse uma prioridade para a mãe de Paola ela teria tido tanto destaque no espaço escolar quanto conquistou a partir do esmero com sua aparência?

eu lembro também que no início também minha mãe sempre penteava meu cabelo seco e doía, era maior sufoco, pentear cabelo seco assim. Mas também teve uma amiga da minha mãe, que ela começou a fazer um monte de trança, nagô, tudo bonitinho,

²³ Menção à sua participação como integrante da Banda de Fanfarra “Escola Técnica Estadual Agrícola Antônio Sales”.

²⁴ Nome popular da “chapinha”. Um equipamento próprio para realizar o alisamento térmico do cabelo, com sua parte interna que ao ser aquecida alisa os cabelos, em síntese, o pente quente da modernidade.

colocava as miçanguinhas na ponta, eu adorava no meu cabelo. Na escola, às vezes alguém vinha, ficava pegando a bolinha, tipo, era mais... quando ia com trança até que ninguém falava muita coisa não. Minha mãe também me fazia beber uns sumos de... cenoura, ela botava também no cabelo, na hidratação... Não é [inaudível]? Couve... Ai gente, que demais. Sexta ou sábado em dia de faxina. Deu faxina na casa, e oito horas da noite hidratação. (rindo) (SANTOSA, Ero, informação verbal).

Da rotina de cuidados com os cabelos à dor é um elemento que aparece nessas memórias. Ao mesmo tempo em que também transparece como uma memória de interação entre mãe e filha. Um ritual de cuidados semanal em que a manutenção dos cabelos era feita para durar toda a semana e, posteriormente, refazer os procedimentos de cuidado. Como Eroilma ainda era muito pequena para passar químicas de alisamento, sua mãe lançava mão das tranças para deixar o cabelo arrumado por mais tempo.

3.3 “Ain't got no friends”

Durante a pesquisa para o doutorado em antropologia social “Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte” Gomes (2002) constatou o período da trajetória escolar “como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético” (GOMES, 2002, p. 41).

A escola, instituição oficial em que ocorre a inserção social das crianças, é um ambiente em que essas percebem-se como diferentes. Também é o espaço em que a hierarquia racial, nunca superada, permanece sendo reproduzida entre discentes, docentes e por vezes por outros membros da comunidade escolar (GOMES, 2002). É justamente nessa fase que, segundo Gomes (2017), a maioria das mulheres acabam recorrendo ao alisamento como estratégia de evitar a “experiência com o racismo” (ibid., p. 70). Nesse sentido, o alisamento dos cabelos crespos “era sinônimo de arrumar, cuidar, evitar ofensas na escola ou na rua, facilitar a vida da mãe em casa e a possibilidade de usar o cabelo solto” posto que já estava subentendido os estigmas que carregam (ibid., 71).

Em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* bell hooks (2019) apresenta uma análise de como, nos dias atuais, negros e negras sentem os efeitos do colonialismo na escola. Como alternativa ao modelo que se perpetua, ela enfatiza o papel que a escola poderia cumprir para contribuir na desconstrução do racismo se adotasse uma perspectiva crítica, como um possível caminho para a promoção da liberdade. No capítulo intitulado “Pedagogia engajada” praticada por professores que convencidos que para a plena

formação de seus alunos, em sua prática, hooks (2019) defende

ensinar de um jeito que proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e íntimo. (...) Esses professores se aproximam dos alunos com vontade e desejo de responder ao ser único de cada um, mesmo que a situação não permita o pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento mútuo (hooks, 2019, p. 25).

A educação libertadora como prática essencial na desconstrução do racismo encontra como principal entrave a visão, fundamentada na “construção de representações que expressam concepções de corpos negros rotulados como: feio, sujo, malcheiroso, cabelo duro e ruim, marcando estratégias e práticas de rejeição (branca) e auto- rejeição (negra)” (SILVA, 2016, p. 1).

A escola acaba por ser mais um espaço de reprodução das opressões, dentre elas o preconceito racial. Na trajetória escolar de Paola e Eroilma as lembranças de professoras e colegas da escola são memórias de acolhimento e dor.

Sobre as minhas memórias de escola... (pausa) Eu me lembro muito do... gente, parando pra pensar agora, como que ... parando pra pensar o cabelo como que o cabelo regeu tanta coisa na minha vida. Na primeira escola, eu lembro que... (pausa) eu era muito feliz na escola. Eu era... Era tudo muito familiar, a vice-diretora era do bairro, é... os programas, que tinham, é... teatro, e tinha (pausa) tinha educação ambiental, tinha horta, tinha... (pausa) dentista, e era tudo tão familiar, um ambiente tão familiar, que eu não lembro de me sentir excluída. Eu lembro que eu me excluía. Eu lembro que uma vez a minha professora pediu, implorou pra que eu fosse... (pausa) desfilasse no desfile de primavera, e eu não quis. Eu lembro que minhas professoras me selecionavam pra fazer determinadas coisas, e eu não gostava de aparecer, como... em festa junina, essas coisas, eu não gostava... de aparecer. Em relação ao cabelo, eu lembro que eu tinha uma professora de teatro, Dona Raquel, e ela tinha calvície. Ela tem calvície até hoje, né? Encontro Tia Raquel de vez em quando. E ela era uma luta com aquele cabelo, era um cabelo sempre, o que tinha de cabelo, sempre espichado, sempre muito grudadinho, para poder tapar as falhas. E a gente sabia das falhas do cabelo dela, sabia da calvície dela, nem sei se é calvície, mas sei que tinha pouquíssimo cabelo nas laterais. E ela mesmo assim prendia uma xuxinha, dava um jeito de prender uma xuxinha no cabelo, pra camuflar aquela falta de cabelo, camuflar o problema capilar dela. E... (pausa) as minhas tranças, meu cabelo era sempre... uma atenção que a minha mãe tinha. E quando ela não podia dar essa atenção, por causa do trabalho, a minha tia tinha que dava essa atenção. Ela delegava isso a alguém, porque era uma fotinha que tinha que tirar na escola, era um movimento da escola, uma apresentação, uma coisa que meu cabelo tinha que tá trançado, e muito bem trançado. E aí, minha memória de Ensino Médio, Ensino Fundamental, é... (pausa) É essa de ter que fazer o meu cabelo pra poder ir, frequentar a escola, desde o primeiro dia estar sempre bem apresentável, com o material impecável, minha mãe fazia questão de comprar o material impecável pra cada ano, uma bolsa, um caderno, os lápis, as coisas. Fazia questão de eu mandar fazer o cabelo, de mandar, porque, tipo assim, ela não tava presente e eu tinha que ir pra casa dessa família, que eu relatei da dona Carmen, da Elisana, que são minhas irmãs agora, é... Então, ela me mandava pra lá, deixava pago ou ela pagava depois, e isso eu sempre fui muito ativa, participei das fanfarras, nas duas escolas, só que, aí, eu começo no Ensino Fundamental, eu começo a perceber que o ambiente escolar não é um ambiente familiar. Foi meu primeiro contato com bullying, com sofrimento de racismo, de diferença entre as pessoas, entre as meninas, a relação de beleza, a relação de tratar as pessoas pela aparência, começam no Ensino Fundamental. Eu fui perseguida no ensino fundamental, na escola agrícola lá tem Pavilhões diferentes, então tem Pavilhões do

Ensino Médio, tem o pavilhão do Técnico e tem o pavilhão do... do Ensino Fundamental, do Médio e do Técnico. E no pavilhão do Ensino Fundamental eu já começo a ser perseguida por conta do meu cabelo, por conta da minha pele... E é aí a experiência de Ensino Fundamental foi bem ruim, até que eu entrei pra banda, pra fanfarra, e aí como eu tinha familiares na fanfarra, como tinha amigos da minha mãe que ainda, tinham saído da escola há muito tempo, mas ainda faziam parte da fanfarra, eu fui meio que protegida ali quando eu estava no ambiente da fanfarra, eu tava protegida, mas a sala de aula eu sofri perseguição, e eu conheço meus perseguidores, né? Até hoje assim, conheço não, sei quem são, inclusive tem uma história que parece de, sei lá, filme, novela, outra coisa. Depois de anos quando eu me tornei modelo, eu saindo no desfile, um dos caras, o Jonathan, que me perseguia na escola, puxava meu cabelo, chamava meu cabelo de duro, me chamava de tudo quanto é coisa, eu prendia meu cabelo de todas as formas, puxavam meu cabelo. (pausa)

Uma das minhas memórias bem marcantes assim que tipo assim... (pausa) primeira vez na Escola Agrícola, que era a escola de ensino fundamental, minha mãe fez questão de alisar meu cabelo, fazer escova, para eu chegasse “apresentável”. Entre muitas aspas, na visão dela, né. Então todos os anos eu sabia que além do meu material escolar, antes de ir pra escola, eu, num primeiro dia, eu iria pro salão, e ia escovar o cabelo, e o cabelo ia estar impecável. Isso se repetiu durante todos os anos de escola, de ensino fundamental e ensino médio. Na alfabetização, na outra escola, eu ia de trancinha, eu ia de trancinha pro balé, eu ia de trancinha em tudo. E depois, é... era escova. (SANTOSb, Paola, informação verbal)

no Ensino Médio que eu troquei de escola, por conta do bullying deles, não só deles, mas de um outro garoto também, que desenhava, é... fazia caricaturas, fazia caricaturas minhas horrorosas, assim, e aí mudei de escola, e aí fui pro Nilo Peçanha, que é uma escola, no dito popular, no senso comum, de escola mais fraca. Minha mãe, nem queria que eu mudasse de escola, mas eu não aguentava mais, eu fiz, eu suportei o Ensino Fundamental, aí eu pensei, vou suportar que daqui a pouco vou pro pavilhão do Ensino Médio, e vai passar. Aí no pavilhão do Ensino Médio, não passou, e eu já não aguentava mais, aí eu troquei de escola. (SANTOSs, Eroilma, informação verbal).

A escritora bell hooks (2019), ao falar de sua “experiência do aprendizado como revolução” na introdução de “Ensinando a transgredir: A educação como prática libertadora”, revive o afeto de ter estudado na escola Booker T. Washington. Ela recorda que a maior parte dos professores

eram mulheres negras. O compromisso dela era nutrir o intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural - negros que usavam a “cabeça”. Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista. (ibid., p. 10).

A escola em que Paola passa os primeiros anos da vida escolar conta com a presença de uma diretora que conhece a comunidade em que a escola está inserida. Suas memórias são de acolhimento e incentivo a participar das atividades promovidas pela escola. Esse se torna um espaço de prazer.

bell hooks conta que com a integração racial²⁵, a escola perdeu todos os elementos que

²⁵ Trata-se de uma política que tinha como principal objetivo vedar a proibição da discriminação de alunos a partir do tom da pele. Entretanto tal política, acabou pondo fim no modelo de escola integrada a comunidade que ensinava a partir do estímulo em aprender.

a atraía. Se antes a escola era um espaço de estímulo à aprendizagem, com a integração racial “o conhecimento passou a se resumir à pura informação”. Com Paola, a perda do prazer de ir à escola ocorre quando ela sai da escola do seu bairro e vai estudar no Colégio agrícola, espaço que lhe traz as memórias mais fortes de racismo em sua trajetória escolar.

Paola afirma que “todos os anos eu sabia que além do meu material escolar, antes de ir pra escola, eu, num primeiro dia, eu iria pro salão, e ia escovar o cabelo, e o cabelo ia estar impecável”. Todo o esforço de cuidar da aparência que Paola e sua mãe se dedicam não são suficientes para evitar a opressão e o racismo.

A mãe de Paola buscava ofertá-la as condições necessárias para que ela pudesse estudar numa boa escola e ingressar na formação que desejasse. Mesmo tendo um bom desempenho escolar e cuidando de sua aparência, Paola sofreu violência física: “puxavam meu cabelo” e era insultada por seus colegas de classe “chamava meu cabelo de duro, me chamava de tudo quanto é coisa”. O desconforto de estar nesse espaço é algo evidente em sua fala. Nem quando Paola buscou para si “padrões brancos de beleza, a fim de evitar a humilhação pública” processo por si só “bastante violento”, ela encontrou paz no cotidiano escolar (KILOMBA, 2019, p. 128).

A trajetória escolar de Eroilma não tem um caminho muito diferente. Mesmo crescendo ao sul do estado da Bahia, estado que concentra a maior comunidade de negros e negras fora do continente africano (MARQUES, 2019), a escola também foi um espaço de opressão para Eroilma.

E: Tenho memórias boas, tenho memórias ruins, de bullying do meu nome, do meu cabelo, daquelas tranças que minha mãe fazia, que ficava todo mundo rindo...

G: Você pode falar um pouco mais sobre essa parte, de como que era, é..., como que era feito de fato, como que se materializava esse bullying?

E: Sim, até quando ia pentear cabelo, penteava o cabelinho das menininhas, deixava o nosso, às vezes nem tirava a “xuxa”, só passava uma água assim... (falou passando as mãos na parte da frente dos cabelos). (SANTOSA, Eroilma, informação verbal).

Aqui, as memórias de discriminação não diz respeito aos seus colegas de escola, dessa vez, parte das “tias”. Esse momento de ser arrumada pelas tias para retornar para casa é um momento de troca de afeto em que é possível estabelecer um breve diálogo com a criança. Esse contato tão rápido com a professora que rume a passar a mão molhada para o frizz faz Eroilma se sentir preterida por sua professora. Sem esse vínculo, ela não consegue construir uma relação de confiança com a pessoa adulta a quem poderia informar o “bullying” que ocorria em sala de aula. Eroilma conta que passou a sentir mais abertura por parte das pessoas quando estava com os cabelos alisados.

Hoje vejo que, na verdade, naquela época, eu me sentia mais aceita, quando eu tava com o cabelo liso. (op cit.)

3.3.1 Definindo situação

É importante partir do fato de que o espaço escolar tem significados diferentes para brancos e negros. O corpo discente branco, que historicamente sempre frequentou o espaço escolar, utilizava a escola como um espaço de legitimação de sua condição de elite. Entretanto, para a população negra, esse mesmo espaço é visto como forma de promoção sócio-racial (FONSECA, 2009). A crença nessa perspectiva torna compreensível o esforço da mãe de Paola em apoiar a filha a estudar em escolas de renome ou na região central do município. Todavia, longe de promover uma educação emancipadora, na escola reproduziam-se os estigmas.

Para que pudesse desempenhar seu papel de aluna modelo, está praticamente incluso na lista material escolar um dia de “estica e puxa” no salão. Se Paola cumpre todos os critérios para ser aceita socialmente, por que sua trajetória é marcada por tanto racismo? A resposta para essa pergunta, bem como o fator que marca a forma como os outros agem a partir de sua fachada, está justamente no ponto de partida de nossa conversa em que ela diz se entender

como uma mulher negra, periférica, numa extremidade da minha cidade, que é uma cidade grande mas uma cidade de interior. (pausa) Morando numa comunidade com diversas dificuldades, inclusive a dificuldade de locomoção, de mobilidade social. (SANTOSb, Paola, informação verbal).

Paola tem a percepção de que quando a olham, enxergam em seu corpo um corpo que, historicamente compelido a viver na periferia, incomoda quando passa a transitar no centro. A escola, ao privilegiar a lógica mercadológica em detrimento da educação emancipadora é mais um dos espaços de reprodução do imaginário de uma sociedade escravocrata.

3.4 “Ain't got no love”²⁶

O tratamento dado às mulheres negras permanece impregnado da relação de poder vigente no período da escravidão. Não seria um exagero dizer que está presente na atualidade o imaginário da sociedade escravocrata nas escolhas afetivas no que diz respeito às mulheres negras.

A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da idéia de que as “mulheres desregradas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (hooks, 1995, p. 469).

Embora sua fala esteja contextualizada levando em consideração os moldes em que se instituiu o racismo nos Estados Unidos, sua percepção converge com o pensamento de Lélia Gonzalez que denuncia o estereótipo da mulher para servir, seja para fins domésticos ou sexuais.

A mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho” [...] produto de exportação. (GONZALEZ, 1979, p. 13).

Tal percepção faz com que as mulheres negras tenham maior dificuldade em estabelecer uma relação afetiva em que sejam assumidas publicamente. Por vezes, em espaços frequentados por uma maioria branca, as mulheres negras ficam invisibilizadas.

E: Foi um cara, branco, falando lá que jamais namoraria uma pretinha assim... como eu...

G: onde isso?

E: Isso foi numa balada. Numa balada de gente branca, lá de Porto Seguro.

E: Só que tipo, (ao mesmo tempo) eu nem tinha interesse nele, nem nada.

G: Mas... como que esse assunto aconteceu?

E: Cara, não s... não entendi muito bem, só sei que ele começou a falar lá que jamais... porque, eu não sei, é... Eu ach... Não, deixa eu lembrar, tava eu e uma amiga, e aí o amigo dele tava interessado na menina, não sei porque pros meninos dois é... quatro é par. E aí eu era amiga da pessoa que o menino tava ficando, só que eu nem tava interessada nele. Aí ele veio e começou a falar isso, que ele jamais ficaria...

G: Falou isso com você?

E: Comigo. Só que, tipo, eu não tava nem sabendo da história, e depois que eu fui entender. Que ele... ele tava te dando um toco e...

G: ... “justificando” isso?

E: É... Só que eles foram ridículos, porque ele tava com o amigo dele e eu com a minha amiga, só que o amigo dele [foi?] ficando com minha amiga e ele queria a amiga da minha amiga, que seria eu no caso. Só que quando ele me viu, veio me

²⁶ “Eu não tenho amor” (tradução nossa).

falando isso, começou a falar e tal... E aí eu fiquei “gente”. Falou que jamais ficaria com uma pretinha assim, que não sei o quê, e apontava pra mim, e aí eu “Gente! Ihhh!” (SANTOSA, Eroilma, informação verbal).

Quando Eroilma fala “balada de gente branca”, ela relata estar em um ambiente em que seu estereótipo era uma exceção. O interlocutor que está a justificar o motivo pelo qual não queria ficar com Eroilma, podia ter usado de diversas desculpas socialmente aceitas para justificar a falta de interesse em ficar com ela. Mas ele escolhe estabelecer uma hierarquia ao dizer que “jamais ficaria com uma pretinha”. Ele, um homem branco, estabeleceu para si a qual padrão físico de mulher exerce sua afetividade.

Do revoltante relato de Eroilma, passemos ao relato que apresenta uma reviravolta de Paola:

tem uma história que parece de, sei lá, filme, novela, outra coisa. Depois de anos quando eu me tornei modelo, eu saindo no desfile, um dos caras, o Jonathan, que me perseguia na escola, puxava meu cabelo, chamava meu cabelo de duro, me chamava de tudo quanto é coisa, eu prendia meu cabelo de todas as formas, puxavam meu cabelo, ele veio flertar comigo. Eu olhei bem no rosto dele, e falei assim, você não lembra de mim não? A gente estudou junto no agrícola, você me chamava de macaca, você me chamava de dragão, mexia com meu cabelo. Você falava... puxava meu cabelo, você falava tantas coisas horríveis e agora, você vem flertar comigo! Meus amigos saíram vibrando, meus amigos que tavam comigo depois do desfile, ele ficou com a cara de pastel lá. (SANTOSb, Paola, informação verbal).

O carrasco de Paola no ensino médio, ao encontrá-la em um espaço em que ela ocupava um lugar de destaque no desfile, parece se esquecer dos apelidos estigmatizantes que marcaram a trajetória escolar de Paola. Embora ele tenha se empenhado em diminuir Paola, após a mudança de escola ela se reergue emocionalmente e quando esse reencontro acontece, sua negritude já não é mais um elemento que ele possa usar para envergonhá-la, posto que agora é elemento de sua identidade.

3.4.1 Definindo situação

A inserção das mulheres negras no território brasileiro deu-se para atender as demandas econômicas e sexuais dos portugueses. Processo que tem seu impacto social mitigado posto que sob o véu da democracia racial, que assume a miscigenação da população brasileira, sem reconhecer a violência com que esse processo ocorre historicamente.

A forma como a mulher negra é vista e tratada na sociedade mostra o quão invisibilizadas elas pelo próprio movimento feminista branco. Para bell Hooks (2015) a recusa feminista, no passado, a chamar a atenção para as hierarquias raciais e as atacar, suprimiu a conexão entre raça e classe (HOOKS, 2015, p. 195). No caso do Brasil Lélia Gonzalez (1984)

atribui a marginalização das mulheres negras ao mito da democracia racial, que tornou tardia a percepção da necessidade da elaboração de uma teoria de gênero, raça e classe.

3.5 “I got my hair”²⁷

I got my hair, got my head
 Got my brains, got my ears
 Got my eyes, got my nose
 Got my mouth
 I got my
 I got myself
 (Nina Simone).

Os elementos corporais cantados por Nina Simone são justamente aqueles que a população negra ressignificou, assumindo-os como elementos de sua identidade. Esse processo, nem sempre linear, culmina em conhecer a pluralidade do belo. Tal ressignificação, longe de ser uma novidade do século XXI, sempre esteve presente na pauta dos movimentos negros brasileiros. O grande diferencial é que, o fenômeno de mulheres que abandonaram o alisamento paralelo à tomada de consciência da utilidade política e social de cada estigma que antes lhe definia,

descobrir a africanidade presente ou escondida na manipulação do cabelo do negro e da negra da atualidade, e nos penteados por eles realizados, constitui uma das preocupações primordiais para a definição da força histórica e cultural desse segmento étnico/racial (GOMES, 2002, p. 50).

Vejamos como Paola e Eroilma, passaram a perceber seus cabelos após passar pelo processo ritual da transição capilar.

Hoje em dia eu vejo meu cabelo tipo muito poderoso. Tem dias que eu acordo, olho meu cabelo, tá aquele black maravilhoso, e falo “Gente, que mulher, maravilhosa!” Tem dias... Mas também tem dias que eu acordo, “Ai nossa! Nada tá bom”. Faço penteado não encaixa, faço outro não encaixa. Mas também... É... coisas do dia a dia, né? Nem sempre a gente acorda bem. Assim também como nosso cabelo. Tem dia que ele tá um arraso! (risos) Ai, ai... Às vezes eu lavo ele aqui, e falo “Caraca, o mundo precisava ver esse cabelo, tá muito lindo” (risos) Ai, gente...

[...]

Minha raiz... Eu sou assim... Essa pessoa. Eu não vou alisar mais. Porque se eu alisar, eu vou deixar de ser quem eu sou, e hoje em dia não me vejo mais alisando meu cabelo.

Mostrar pra sociedade, que eles tem que aceitar a gente assim.

G: Uhum.

E: E pras criancinhas também ver, se reconhecer...

G: Quais crianças?

E: As crianças que tiverem ao meu redor, não necessariamente filhos ou filhas de amigos, que seja, criança que estiverem próximas de mim. (SANTOSA, Eroilma, informação verbal).

²⁷ “Tenho o meu cabelo” (tradução nossa).

Eroilma encontra no volume dos seus cabelos crespos um elemento que compõe sua beleza, ela quer ser para as meninas negras a referência que lhe faltou na infância. Orgulha-se de se olhar no espelho e encontrar paz no que vê no espelho.

Hoje o meu cabelo é um complemento de mim, sem representar tanta dor, sem representar sofrimento. Hoje, ele é um... um instrumento que eu posso usar e abusar, e hoje eu sei que eu posso fazer muitas coisas com ele. Inclusive, se eu quiser, se eu tiver afim de ir, eu posso alisar, eu posso fazer uma escova. Mas não é o que eu quero, não é o que eu desejo. Mas... Ele é um adereço. Ele é um adereço... Assim como as minhas mãos, que eu posso pintar ou não cortar, deixar grande, deixar pequeno. Posso me divertir, brincar com ele, e... e... É... Viver bem com ele, sem ficar presa, ao que as outras pessoas, ao que a sociedade, ao que esperam dele, de mim, da minha aparência. (SANTOSb, Paola, informação verbal).

As chagas provocadas pela relação que Paola até então construiu com seu cabelo parecem cicatrizadas. Ela não sente mais uma pressão para alisar os cabelos para se sentir aceita pelos demais.

3.5.1 Definindo situação

A forma como os cabelos de qualquer indivíduo é apresentada em público, certamente, contribui significativamente para a forma de tratamento que lhe será dado a partir da definição por parte de quem a observa. Por muito tempo não alisar os cabelos crespos significou para as mulheres negras a construção de uma imagem de desleixo (BOTEZINI, 2011). Tal imagem constitui motivo de uma visão distorcida de si mesma que, longe de afetar apenas a estima das mulheres negras, também se configura para a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho. Durante o século XX e início do XXI, era comum as vagas de oportunidades de emprego virem com o preconceituoso aviso de que era necessário ter “boa aparência” (PAIM, 2016).

A transição é “dotada de uma capacidade remodeladora e de reinvenção sobre formas de interação e identificação coletiva e individual” (GOMES, 2017, p. 63). Nesse sentido, permitiu que mulheres negras pudessem encontrar no uso dos seus cabelos naturais a valorização de uma estética que culmina na “redescoberta do self e da identidade étnica” (BOTEZINI, 2011, p. 8). Isso porque o

cabelo possui, em grande parte das etnias africanas, a função social de demonstrar através do corpo, o papel que determinado indivíduo desempenha no grupo. Por esse motivo o cabelo constitui um sinal diacrítico que se relaciona diretamente à identidade étnica. O cabelo negro remete a uma ancestralidade africana, denotando a precedência étnica do indivíduo. Desta forma, penteados como tranças, acessórios como turbantes e o cabelo no estilo black power, registram uma resgate da memória, da cultura e da religião ancestral (op cit.)

As motivações para iniciar a transição capilar de Eroilma e Paola são diferentes, entretanto o cabelo é, por ambas, vivenciado “como um veículo capaz de transmitir mensagens políticas de diversidade, aceitação e beleza” (BOTEZINI, 2011, p. 8).

Com o tempo, eu falei “Caraca! Muito gata! Que negra linda!” Aí... Fiquei apaixonada! (risos) Nunca mais! (risos) Nunca mais quis. Nenhum tipo de química. Assim, química de relaxamento, né, porque eu passo tinta. (SANTOSa, Eroilma, informação verbal)

Hoje o meu cabelo é um complemento de mim, sem representar tanta dor, sem representar sofrimento. Hoje, ele é um... um instrumento que eu posso usar e abusar, e hoje eu sei que eu posso fazer muitas coisas com ele. Inclusive, se eu quiser, se eu tiver afim de ir, eu posso alisar, eu posso fazer uma escova. Mas não é o que eu quero, não é o que eu desejo. Mas... Ele é um adereço. Ele é um adereço... Assim como as minhas mãos, que eu posso pintar ou não cortar, deixar grande, deixar pequeno. Posso me divertir, brincar com ele, e... e... É... Viver bem com ele, sem ficar presa, ao que as outras pessoas, ao que a sociedade, ao que esperam dele, de mim, da minha aparência. (SANTOSb, Paola, informação verbal)

Embora ao longo da vida Paola e Erô tenham internalizado os alisamentos de seus cabelos como parte dos cuidados que deveriam ter, ao iniciarem o processo ritual da transição, tendo a oportunidade de por meio dela, aprofundar os conhecimentos sobre a estética negra, passaram a empoderar-se de uma das principais características fenotípicas que antes era fonte dos constrangimentos aos quais foram submetidas.

Figura 8 – Da insegurança ao empoderamento



Fonte: Tirinha extraída do site Sueter Azul.

Disponível em: <http://www.sueterazul.com.br/2016/04/qual-o-seu-tipo-de-cabelo.html>.

Acesso em 15 jul. 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quente que nem a chapinha no crespo
 Não, crespos estão se armando
 Faço questão de botar no meu texto
 Que pretas e pretos estão se amando
 (Rincon Sapiência)

O racismo que emergiu a partir da decisão de mulheres por passarem pela transição capilar despertou meu interesse em conhecer as motivações que lhes trouxeram a firmeza de não alisarem novamente seus cabelos. Decisão individual, mas que produziu um significado coletivo ao dar visibilidade à estética racial. Essa mudança escancarou o quanto é presente na construção da identidade negra.

A discriminação racial, mesmo que criminalizada juridicamente, está memorizada no imaginário social. Por isso, mesmo com uma população majoritariamente não-branca, o povo brasileiro acostumou-se em ver os espaços de poder, a academia e os espaços de prestígio, como de mídia, por exemplo, ocupados por pessoas brancas. E os primeiros passos dados no sentido de democratizar a pluralidade étnica desses espaços recebe tantas críticas.

A imersão nos trabalhos sobre transição capilar de Gomes (2017), Daltro (2016) e Matos (2016) foi fundamental para compreender a dimensão da importância que a internet tem, como espaço onde o preconceito racial se difunde e também é combatido. Embora ao iniciar a pesquisa conseguisse perceber a importância que as redes sociais tinham ao criarem uma rede de solidariedade, apoiam mulheres que já passaram, estão passando ou ainda desejam passar pela transição capilar. Mais do que isso, as redes de interação criadas a partir da internet estão conseguindo romper com a visão hegemônica produzida sobre corpos e cabelos de pessoas negras, o que faz da transição capilar bem mais que um movimento estético, um movimento político de tomada de consciência sobre si.

A metodologia escolhida, história de vida, permitiu conhecer as narrativas de como cada uma vivenciou a transição, o que aprenderam sobre si nesse processo bem como deu acesso à memórias singulares de dores coletivas. Sendo a escola um dos palco em que a interação, ou mesmo a ausência dela, tem como marco a discriminação racial.

Escutar as interlocutoras dizer que as horas e horas de cuidados com o cabelo que envolviam puxar, aquecer e queimar, e que em última instância, pouco mitigavam a forma como eram socialmente tratadas, ainda que a partir do cabelo liso de sentissem mais aceitas, foi um dos momentos da pesquisa mais impactantes para mim, visto que utilizei, em meus cabelos, apenas químicas de relaxamento; técnicas essas que não necessitam de ativadores térmicos para

fazer efeito.

Por fim, esse trabalho permitiu-me registrar as memórias de mulheres negras, naturais ou não do município de Campos, mas que encontraram nessa cidade os elementos para ressignificar sua identidade como negra. Deixa registrado também que na cidade em que existiu um movimento abolicionista tão expressivo, em pleno século XXI surge um movimento que ocupa as praças e escolas, fazendo da estética crespa um canal de diálogo sobre preconceito racial.

Por fim, considerando que falar de transição capilar é falar de ressignificações, uma frase espontânea de Eroilma sintetizou bastante o ressignificar os cuidados com os cabelos, bem como os eletroportáteis que eram utilizados em seus cabelos. Por isso, no fechamento dessa dissertação – que não pretende encerrar a discussão da temática tratada – irei concluir com as palavras de Erô: “hoje em dia minha prancha serve pra passar roupa.” (SANTOSA, informação verbal).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F; MOTA, E; DUQUES, I. A transição capilar e o câmbio das identidades. **Anais** do III Encontro Nacional dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e grupos correlatos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal Fluminense (IFF), Campos dos Goytacazes (RJ), 7-9 de novembro de 2017. Disponível em: http://enneabi.iff.edu.br/ckeditor_assets/attachments/34/a_transicao_capilar_e_o_cambio_das_identidades.pdf Acesso em 14 dez. 2019
- ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARAÚJO, L. **O livro do cabelo**. São Paulo: leYa, 2012.
- ARFUCH, L. **El espacio biográfico**. Dilemas de la subjetividad contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- BARROS, D. R. **Lugar de Negro, Lugar de Branco?** Esboço para uma crítica à metafísica racial. São Paulo: Hedra, 2019.
- BARROS, J. D'A. A 'Construção Social da Cor' e a 'desconstrução da Diferença Escrava': reflexões sobre as ideias escravistas no Brasil Colonial. **OP SIS**, Catalão, v. 10, n. 1, pp. 29-54, jan-jun./2010.
- BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993 pp. 9-15.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan.-abril/2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf>. Acesso em 14/05/2020
- BOTEZINI, N. A. Cabelos em transição: um estudo acerca da influência dos cabelos afro como sinal diacrítico e reconhecimento étnico. **Anais** do 38º Encontro Anual da ANPOCS, Grupo de Trabalho 32 - “Relações raciais: desigualdades, identidades e políticas públicas”, 2011.
- BRAGA, P. C. S & SILVA, Â. M da S. Transição Capilar: O cabelo como instrumento de política e libertação através da identidade e suas influências. **Anais** do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia - MG – 19 a 21/06/2015. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0059-1.pdf> Acesso em: 18 jan. 2020.
- BRASIL. **Atlas da Violência 2020**. Infográfico. Brasília: IPEA/FBSP, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020-infografico.pdf>. Acesso em 22 nov. 2020.
- BYRD, Ayana D.; THARPS, Lori I. **Hair Story**. Nova York: St. Martin’s, 2001
- CONRADO, Hysa. Cada vez mais negros se assumem negros. E com orgulho. **R7 - Portal de Notícias**. Meu Estilo. Publicado em 08/09/2019. Disponível em: <https://meuestilo.r7.com/cada-vez-mais-negros-se-assumem-negros-e-com-orgulho-08092019> Acesso em 19 set. 2019.

COUTINHO, C. L. R. A Estética e o Mercado Produtor: Consumidor de Beleza e Cultura. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, ANPUH, São Paulo, jul./2011.

COUTO, M. **Cada homem é uma raça**: Contos. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DALTRO, L. M. “Yes, We Can”?: a transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais. Bacharel em Comunicação Social. **TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)**, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157345/001013072.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 de mar. 2020.

DANDARA, Diana. Poesia Preta - Respeita meu Crespo. **Orgulho Black**, página. Disponível em: <https://www.facebook.com/367583616914263/posts/poesia-preta-respeita-meu-crespo-respeita-meu-crespo-viurespeita-meu-crespoporque/395916990747592/>. Acesso em 16 jan. 2021.

DOMINGUES, P. Um “templo de luz”! - A Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, São Paulo, 2008, pp. 517-534. *apud* BARROS, D. R. **Lugar de Negro, Lugar de Branco?** Esboço para uma crítica à metafísica racial. São Paulo: Hedra, 2019.

DUARTE, A. Comunidade, singularização e subjetivação: notas sobre os coletivos político do presente. **O que nos faz pensar**, s. l., v. 23, n. 35, pp. 217-236, dez./2014. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/430>. Acesso em 08 jan. 2020.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008.

FERNANDES, F. **A Integração do Negro à Sociedade de Classes**. São Paulo, FFLCH-USP, 1964.

FERRARI, E.; ASSIS, J. A Dimensão Informacional da Transição Capilar: identidade e empoderamento nas mídias sociais. **Revista Brasileira de Educação em Informação (REBECIN)**, v.4, n.1, pp.74-95, jan.-jun./2017. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/57244>. Acesso em 08 fev. 2020.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. Formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

FRY, P. Ciência Social e Política “Racial” no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, pp. 180-187, dez./2005-fev./2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13492>. Acesso em 04 mai. 2020

GASTALDO, E. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), v. 23, n. 68, out./2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n68/v23n68a13.pdf>. Acesso em 14 mar. 2020.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2013.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

GOMES, C.; DUQUE-ARRAZOLA, L. S. Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 11, n. 27, nov./2018 – fev/2019, pp.184-205.

GOMES, L. L. P. “Posso tocar no seu cabelo?” Entre o “liso” e o “crespo”: transição capilar, uma (re) construção identitária? **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2017.

GOMES, N. L. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. **Anais do Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais.**, 2002, pp. 8-11.

GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **RBPAAE**, v. 27, n. 1, pp. 109-121, jan.-abr./2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/download/19971/11602>. Acesso em 14 mai. 2020.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, Rio de Janeiro, set.-dez./2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000300004&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 25 fev. 2020.

GONZALES, L. O Papel da Mulher Negra na Sociedade Brasileira- uma abordagem política-econômica. **Spring Symposium the Political Economy of the Black World**, Center for Afro-American Studies. Los Angeles: UCLA, 10-12 de maio de 1979, pp. 1-25.

GONZALES, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GONZALES, L.; HASENBALG, C. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/IUPERJ, 2005.

HASENBALG, C.; SILVA, N. V. Educação e diferenças raciais na mobilidade ocupacional. *In*: HASENBALG, C.; SILVA, N. V.; LIMA, M. (orgs.). **Cor e estratificação social**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

HOOKS, b. Alisando nossos cabelos. **Revista Gazeta de Cuba** – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html

HOOKS, b. **Intelectuais negras**. Estudos feministas, v. 3, n.2, 1995, pp. 465-477.

HOOKS, b. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. 2015 In <https://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf>. Acesso em 17 fev. 2021.

IANNI, O. **Escravidão e Racismo** – São Paulo: Humacitec, 1978.

IPEA. **Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos**. Publicado em 06 de março de 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526. Acesso em 26 fev. 2020.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAMEGO, A. R. **O Homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

LARA, Silvia Hunold. **Campos da Violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

LEACH, E. Cabelo mágico. In: DA MATTA, R. (org.). **Leach**. São Paulo: Ed. Ática, 1983, pp. 136-158. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

LIMA, K. R. de S. Desafios éticos e políticos da luta de classes e o mito da democracia racial em Florestan Fernandes. **Rev. Katálysis**, v. 20, n. 3, Florianópolis, set.-dez./2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802017000300353&lng=pt&tlng=pt. Acesso 18 ago. 2020.

LIMA, Lana Lage da Gama. **Rebeldia Negra & Abolicionismo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. Disponível em: https://www.academia.edu/40330000/Rebeldia_Negra_e_Abolicionismo. Acesso em 06 fev. 2020.

LODY, R. **Cabelos de Axé: identidade e resistência**. São Paulo: Ed. Senac, 2004. p. 59.

MACIEL, D. B.; BERBEL, G. S. 2015. “A representação do eu na vida cotidiana”. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/obra/representação-do-eu-na-vida-cotidiana>. Acesso em 12 dez. 2020.

MALACHIAS, R. **Cabelo bom**. Cabelo ruim! Brasília: MEC/UNIAFRO, 2007. (Coleção Percepções da Diferença, v. 4).

MARQUES, L. L. **Salvador, 470 anos: Diáspora, Religiosidade e Resistência**. Fundação Cultural Palmares, 29 de março de 2019. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=53773>. Acesso em 08 mai. 2020.

MATOS, L. Transição Capilar como movimento estético e político. **Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS**, Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), Universidade Federal de Sergipe (UFS), 27 a 29 de abril de 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12871/2/TransicaoCapilarMovimento.pdf>. Acesso em 04 abr.

2020.

MOURA, C. Escravismo, Colonialismo, Imperialismo e Racismo. **Afro-Ásia, Salvador, UFBA**, n. 14, 1983. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/viewFile/20824/13425&sa=D&source=editors&ust=1613612365134000&usg=AOvVaw3rBgCGrVt2KMqTAypVkjw6> Acesso em 18 dez. 2021.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

NINA Simone: uma cantora da verdade. **Portal Geledés**, 09 de novembro de 2014. Disponível em: geledes.org.br/nina-simone-uma-cantora-da-verdade/ Acesso em 16 de abril de 2020.

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. de; ARAUJO, A. D. G; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, São João del Rei, maio-agosto de 2017.

NOGUEIRA, O. (org.). **Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais**. 1ª edição - 1959. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1985.

NOGUEIRA, O. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetinga**. 1ª edição - 1955. São Paulo: Edusp, 1998.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 19, n. 1, 2007, pp. 287-308.

OLIVEIRA, D. Entrevista *apud* ARRAES, J. Deixa o seu crespo crescer, irmão. **Revista Fórum**. Publicado em 26 de março de 2015. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/deixa-o-crespo-crescer-irmao/> Acesso em 09 fev. 2020.

OLIVEIRA, I. F. de. Versões de Mulheres Negras sobre a Transição Capilar: um estudo sobre processos de descolonização estética e subjetiva. **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2019. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/22176/2/Ivani%20Francisco%20de%20Oliveira.pdf> Acesso em 17 fev. 2020.

PAIM, A. dos S. Pele negra sem máscaras brancas: o julgamento da boa aparência em seleção de pessoal. **Tese** (doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

PAIXÃO, Marcelo J. P. **Desenvolvimento Humano e Relações Raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PAULILO, M. A. S. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. **Serviço social em revista**, Londrina, v. 1, n.1, pp. 135 - 148, 1999.

PEQUENO, A. História sociopolítica do cabelo crespo. **Z Cultural: Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, UFRJ**, Rio de Janeiro, Ano XIV, n. 01, 1º semestre de

2019.

PINHO, P. de S. Descentrando os Estados Unidos nos estudos sobre negritude no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 59, pp. 37-50, out./2005.

QUIJANO, A. (2000). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: E. Lander (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.** Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. pp. 201-245.

RINCON SAPIÊNCIA. **Ponta de Lança.** Álbum: Galanga Livre. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U9I-PNoslxA&ab_channel=RinconSapi%C3%Aancia. Acesso em 28 jun. 2020.

SANTOSa, Eroilma Fernandes dos. Eroilma “Erô” Fernandes dos Santos: **depoimento** [nov. 2020]. Entrevistadora: Gabby Maturana Teixeira. Macaé (RJ): UENF, 2020. 17 arquivos de áudio digitais, em formato .ogg.

SANTOSb, Paola. Paola Santos: **depoimento** [nov. 2020]. Entrevistadora: Gabby Maturana Teixeira. Campos dos Goytacazes (RJ): UENF, 2020. 17 arquivos de áudio digitais, em formato .ogg.

SILVA, C. R. R. da. Beleza Negra, Orgulho Crespo: no corpo (des)constrói-se a (in)diferença, o estigma. Projeto História, **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, PUC-SP, São Paulo, n. 56, pp. 463-476, Maio-Ago./2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/25602/20833>. Acesso em 24 mai. 2020

SILVA, L. K. de S. Comportamento de compra de cosméticos para cabelos: um estudo do processo de Transição Capilar. Bacharelado em Administração. **Monografia.** Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38750/1/2018_tcc_lkssilva.pdf. Acesso em 28 mai. 2020.

SILVA, T. M. G. S. e. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Direito UNIFACS – Debate Virtual**, Salvador, n. 201, mar./2017. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760/3121>. Acesso em 14 nov. 2020.

SILVA. W. H. da. **O mito da democracia racial: um debate marxista sobre raça, classe e identidade.** São Paulo: Sundermann, 2016.

SILVEIRA, D. Em sete anos, aumenta em 32% a população que se declara preta no Brasil. **G1 – Portal de Notícias.** Publicado em 22/05/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/22/em-sete-anos-aumenta-em-32percent-a-populacao-que-se-declara-preta-no-brasil.ghtml>. Acesso em 19 set. 2019.

SIMONE, Nina. **Ain't Got No, I Got Life.** Álbum: 'Nuff Said. Nova York: RCA Victor, 1968.

SOUSA, M. de. Relacionamento amoroso e transição capilar: um capítulo à parte. **Blog Cacheia!** Publicado em 25 de abril de 2015. Disponível em: <https://cacheia.com/2015/04/relacionamento-amoroso-e-transicao-capilar-um-capitulo-a-parte/>. Acesso em 06 mai. 2018

SOUZA, E. C de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, v. 25, n.11, jan./abr., 2006.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.